



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ – UFOPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE - ICS
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA – PAA
CURSO: ANTROPOLOGIA

EMÍLIA KATYANA DOS SANTOS DOURADO

**MULHERES PESCADORAS: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE SABERES,
PRÁTICAS E VIVÊNCIA NO ESPAÇO PESQUEIRO EM PORTO DOS MILAGRES
SANTARÉM – PARÁ**

Santarém – Pará
2019

EMÍLIA KATYANA DOS SANTOS DOURADO

**MULHERES PESCADORAS: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE SABERES,
PRÁTICAS E VIVÊNCIA NO ESPAÇO PESQUEIRO EM PORTO DOS MILAGRES
SANTARÉM – PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Antropologia e Arqueologia, para
obtenção do grau de Bacharel em Antropologia;
Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA,
Instituto de Ciências da Sociedade -ICS.

Orientador Diego Amoedo Martínez

Co-orientador Dr. Pedro Fonseca Leal.

Santarém – Pará
2019

EMÍLIA KATYANA DOS SANTOS DOURADO

**MULHERES PESCADORAS: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE SABERES,
PRÁTICAS E VIVÊNCIA NO ESPAÇO PESQUEIRO EM PORTO DOS MILAGRES
SANTARÉM – PARÁ**

Conceito:

8,5

Data de Aprovação: 19/02/2019.

Participantes da Banca Examinadora:

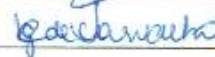
PRESIDENTE: Prof. Me. Diego Amoedo Martínez



AVALIADOR(A): Prof^ª. Dr^ª. Antônia Socorro Pena da Gama



AVALIADOR(A): Prof^ª. Dr^ª. Luciana Gonçalves de Carvalho



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFOPA

D739m Dourado, Emília Katyana dos Santos
Mulheres pescadoras: um estudo antropológico sobre saberes, práticas
e vivência no espaço pesqueiro em Porto dos Milagres Santarém - Pará /
Emília Katyana dos Santos Dourado. – Santarém, 2019.

62f. : il.
Inclui bibliografias.

Orientador: Diego Amoedo Martínez
Coorientador: Pedro Fonseca Leal
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do
Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia
e Arqueologia, Bacharelado em Antropologia.

1. Mulheres pescadoras - Santarém. 2. Empoderamento Feminino. 3.
Porto dos Milagres. I. Martínez, Diego Amoedo, *orient.* II. Leal, Pedro Fon-
seca, *coorient.* III. Título.

CDD: 305.43098115

Bibliotecária - Documentalista: Giselle Pinheiro – CRB/2 596

Para Ítallo Vinícius, Nycole Sophia, Maria Emília (neta) e Maria de Jesus (Vovó)
Sempre em meu coração e meus pensamentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e nossa Senhora Maria pela força espiritual sobre mim. Os momentos vivenciados na instituição acadêmica proporcionam um ambiente onde podemos ser criativos em nossos discursos e sem dúvida nos ensina a contemplar de forma interdisciplinar a diversidade das sociedades. O curso de Bacharel em Antropologia é um suporte que visa filtrar e interpretar de forma mais contextualizada a vivência com outras culturas.

Aos professores do PAA (Programa de Arqueologia e Antropologia) que na busca de conhecimento e inteiração com as disciplinas, foram efetivamente inesquecíveis.

Em especial, a professora Angela Garcia, ser humano inesquecível em minha vida. Ao Professor Pedro Fonseca Leal pelo empenho na elaboração de meu trabalho. Professor crítico e criticado, mas com um imenso coração que não cabia em seu peito, eterna gratidão.

A professora Lucybeth Arruda, Luciana Carvalho, Carla Ramos, Florêncio Vaz, Rubens Elias, Paride Boletim, Raiana Ferrugem, a querida Anne Rapp Py-Daniel, Helena Schiel, Professor Nirson Neto e Luciana França, meu muito obrigada.

Ao meu orientador Diego Amoedo, pelo empenho e dedicação para elaboração de minha monografia.

As mulheres pescadoras que foram meu objeto de estudo, sem elas não seria possível minha pesquisa. Gratidão imensa a Dona Ednelma pela paciência em nossas conversas, pelo carinho, pelas cambadas de peixes. Muito obrigada minha querida!.

A minha mãe por ser essa mulher maravilhosa, guerreira que tenho muito orgulho. A minha sobrinha afilhada Nycole Sophia de 9 anos, muitas vezes ficou a meu lado me estimulando a estudar.

Ao meu maravilhoso filho Ítallo Vinícius, meu maior tesouro, que é o centro de tudo, é meu maior estímulo para estudar e seguir em frente.

Agradecer imensamente ao ser humano mais inesquecível de minha vida Salvador Pereira, as palavras são poucas para definir o tamanho de minha admiração e gratidão em tê-lo sobre minha vida. Foi meu maior estimulador para essa caminhada árdua, mas compensadora, incansável, sempre de prontidão a me ajudar. Eternamente grata, Deus o abençoe. Obrigada pelo carinho, a paciência e o incentivo.

Aos meus companheiros de turma, foram tantos momentos inesquecíveis, de estresse, de sorrisos, de bagunça, um universo partilhado. Manuelle Lopes obrigada minha querida, Verônica Anjos minha companheira até o fim, Hefrém (o nenê) apaixonada por você, Carlyle,

Glenda, Amandinha Cantal Ramirez, Alvina, Laryssa Sousa, minha inesquecível companheira, Diego Carvalho, Luana Kamaruara, a lindona, Hesley, Marcio Amaral meu amigo. Todos moram em meu coração.

Agradeço também a todos que contribuíram de maneira positiva e construtiva em minha caminhada.

*“A minha pele de ébano é minha alma nua
Espalhando a luz do sol e espalhando a luz da lua,
Tem a plumagem da noite e liberdade da rua.
A minha pele é linguagem e a leitura é toda sua
[...] Eu sou parte de você, mesmo que você me negue
[...] Eu sou você e você não sabia
[...] Apesar de tanto não e de tanta marginalidade
Somos nós, a alegria da cidade”
(Alegria da Cidade, Canção de Jorge Portugal e
Lazzo Matumbi)*

RESUMO

Este trabalho direcionou interesse em reflexões e análises sobre as Mulheres Pescadoras, em Porto dos Milagres que fica localizado no bairro do Uruará, na Cidade de Santarém Pará. Observa-se a atuação das mulheres pescadoras como sujeito político, econômico e social. Um estudo antropológico visando saberes, práticas, gênero, empoderamento e visibilidade diante da comunidade pesqueira. Partindo do trabalho de campo sobre dados etnográficos, observa-se as diferentes formas de atuação das mulheres pescadoras atuando nas reuniões, na atividade pesqueira e no meio doméstico. Foi utilizado como método de coleta de dado, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas, com 9 mulheres pescadoras, através de observação direta e conversas informais. Por meio dessa monografia, é possível demonstrar que as Mulheres Pescadoras atuam politicamente, economicamente e socialmente no contexto da pesca. E valorizam a sua categoria social.

Palavras chaves: Empoderamento Feminino, Mulheres pescadoras, Porto dos Milagres.

ABSTRACT

This work directed interest in reflections and analyzes on the fisherwomen in Porto dos Milagres, located in the neighborhood of Uruará, in the city of Santarém, Pará. It is observed the participation of women fishers as a political, economic and social subject. An anthropological study aimed at knowledge, practices, gender, empowerment and visibility before the fishing community. Starting from the field work on ethnographic data, the different forms of action of the fisherwomen working in the meetings, the fishing activity and the domestic environment are observed. It was used as a method of data collection, questionnaires and semistructured interviews with 9 women fishers through direct observation and informal conversations. Through this monograph, it is possible to demonstrate that Fishers act politically, economically and socially in the context of fishing. And value their social category.

Keywords: Female Empowerment, Artisanal Fisherwomen, Porto dos Milagres.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Descrição da ictiofauna capturada pelos pescadores do Porto do Milagres, Santarém-Pará. . 27

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa de localização do Porto dos Milagres.....	17
Figura 2. Retrato das reuniões do Núcleo de Base do Uruará no ano de 2002.	22
Figura 3. Foto do Tablado do Núcleo de Base do Uruará – A; Imagem do tablado em dia de festa da Associação - B.	23
Figura 4. Casas sobre palafitas no Bairro do Uruará.	24
Figura 5. Foto da área ao entorno das casas do PAC, demonstrando as modificações estruturais (asfalto, orla, postes de energia e as casas de alvenaria).	25
Figura 6. Foto da área externa do Mercado do Porto dos Milagres – A; Foto da área interna do Mercado do Porto dos Milagres, após o PAC.	25
Figura 7. Pescadora pescando com caniço	29
Figura 8. Pescadora revistando a malhadeira de nylon com 60m de comprimento	30
Figura 9. Pescador manuseando a tarrafa na captura do peixe - A; Desenho esquemático da tarrafa – B.....	31
Figura 10. Pescadora retirando o peixe do espinhel.	32
Figura 11. Mapa dos pontos de utilizados pelos pescadores.	33
Figura 12. Venda do pescado na praia formada com a descida da água.	36
Figura 13. Ponte já em construção próximo ao mercado - A; Ponte já construída e o espaço já todo seco.....	37
Figura 14. O símbolo do movimento feminista na camisa da pescadora.	40
Figura 15. Pescadora chegando em Porto dos Milagres para venda do peixe.	44
Figura 16. Pescadora vendendo peixe no porto dos Milagres– A; Pescadora recebendo o dinheiro da venda do peixe no porto dos Milagres– B.....	44
Figura 17. Pescadora chegando para venda do seu pescado ao lado de outros pescadores evidenciando sua liberdade, autonomia e poder de decisão.	45
Figura 18. Pescadora manuseando a malhadeira já no final da venda do peixe, no Porto dos Milagres	47
Figura 19. Pescadora em barco utilizado para pesca	52
Figura 20. Pescadora fazendo a vistoria nas malhadeiras.	53
Figura 21. Rede posicionada para impedir a entrada de botos no aningal.	54
Figura 22. Matapís utilizados na pesca do camarão e avium.	55
Figura 23. Visão do observador sobre o cotidiano da entrevistada	56
Figura 24. A família de pescadores em atividade de pesca	57
Figura 25. A pescadora entrevista mostrando as suas malhadeiras	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 METODOLOGIA DA PESQUISA	15
2.1 DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	16
2.2 COLETA DE DADOS	18
CAPÍTULO 1 – PORTO DOS MILAGRES	20
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE PORTO DOS MILAGRES	20
1.1.1 Colônia de Pescadores Z-20 (CPP-20) e Núcleo de Base	20
1.1.2 O “desenvolvimento” no Porto dos Milagres – Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).	21
1.2 ATIVIDADE PESQUEIRA	26
1.2.1 Pescadores artesanais	26
1.2.2 Espécies de peixes capturadas	27
1.2.3 Apetrechos de pesca.....	29
1.2.3.1 VARA E ANZOL (CANIÇO).....	29
1.2.3.2 MALHADEIRA OU REDE DE EMALHAR.....	30
1.2.3.3 TARRAFA.....	31
1.2.3.4 BUBUEIRA.....	31
1.2.3.5 ESPINHEL	31
1.2.4 Locais de pesca	33
1.3 RELAÇÃO PESCADOR-AMBIENTE	34
1.4 CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS	37
CAPÍTULO 2 - AS MULHERES DO PORTO DOS MILAGRES	40
2.1 UMA APROXIMAÇÃO AO CAMPO	40
2.1.1 Pescadora Dona Antônia (nome fictício), 53 anos.	40
2.1.2 Pescadora Dona Maria (nome fictício), 33 anos.	41
2.2 CONQUISTA SOCIAS NA ATIVIDADE PESQUEIRA	41
2.3 EMPODERAMENTO DAS MULHERES PESCADORAS	44
2.4 MULHERES NA PESCA: PRÁTICAS E SABERES	46
2.4.1 Da casa a atividade pesqueira	46
2.4.2 Panema e menstruação	50
2.4.3 Vivenciando o Campo Pesqueiro – Cotidiano da Mulher Pescadora.....	51
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
4 REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

A pesca constitui uma das atividades produtivas mais antigas do mundo, e que, ao longo do tempo, vem sendo realizada predominantemente por homens. O envolvimento das mulheres neste universo ocorreu inicialmente de forma indireta, quando a elas cabia a responsabilidade do beneficiamento e da comercialização do pescado, além da confecção e do reparo dos instrumentos utilizados pelo homem para a realização da atividade (MARTINS et al., 2016).

A participação feminina na aludida atividade representa uma alternativa de subsistência, fonte de trabalho e renda para inúmeras famílias em todo o país. Todavia, a atuação da mulher neste universo ocorre, com algumas exceções, em um contexto de invisibilidade e desvalorização do seu trabalho, entendido como extensão das tarefas domésticas, e não como pesca propriamente, resultando na fragilidade da identidade profissional das pescadoras, em razão do não reconhecimento e da invisibilidade de suas funções (MANESCHY; ÁLVARES, 2010; MOTTA-MAUÉS, 1999; MARTINS, 2005).

A inserção da mulher na pesca possibilita não somente a produção de alimento e geração de renda para sua família, mas também a manutenção da própria atividade, mediante manipulação dos recursos, introdução dos filhos nas tarefas e consequente transmissão de conhecimentos, apesar das condições adversas enfrentadas por esta profissão (MARTINS et al., 2016).

Se a entrada da mulher na atividade pesqueira resulta de razões diferenciadas, por outro lado, pode-se afirmar que o principal fundamento para tal é o atendimento de suas necessidades de subsistência, pois o destino da produção realizada por elas é a comercialização e o consumo, conforme sinalizam os estudos de Martins (2013) e Alencar et al. (2014).

No entanto, se existirem conflitos na relação de gênero, pode ocorrer o enfraquecimento da comunidade local. Nesse contexto, é importante destacar que, apesar de o universo da atividade pesqueira ter uma predominância masculina, essa desigualdade entre homens e mulheres concernente aos aspectos sociais e econômicos, entretanto, está sofrendo diminuição em todo o mundo, inclusive na pesca artesanal. Esse fenômeno desvia as mulheres para longe da miséria, permitindo-as enquadrar-se em oportunidades econômicas e políticas antes exclusivas aos homens, levando-as, desse modo, a um protagonismo, quando exercem o seu poder econômico (LARSON, 2011; CAVALCANTE et al., 2018).

Dessa forma, é preciso destacar que mulheres exercem a função de consumidoras, produtoras e educadoras e, portanto, são relevantes na promoção do desenvolvimento sustentável (ONU MULHERES, 1995).

Para Scott (1995), o gênero apresenta-se como um elemento constitutivo de relações sociais, onde as diferenças são percebidas como um aspecto, que dá significado nas relações de poder. A questão de gênero, abordado Maneschy e Almeida (2002), se constitui como uma identidade de construção social, configurando a “visibilidade” da contribuição das mulheres no meio pesqueiro. Sobre a organização representada por categorias masculinas, emerge como uma figura de discurso à categoria Pescadora Artesanal, a mulher pescadora conquista espaço.

Não há possibilidades de pensar os direitos políticos das mulheres sem as relações de poder, enquanto um processo de empoderamento desse segmento social (MANESCHY, 2012). No caso concreto ao qual está sendo articulado, percebe-se que as mulheres estão sobre um processo de empoderamento. Através disso, coloca-se em diálogo direto com Maneschy (2012), pois, fala de incorporação de sujeitos (mulheres) em um ambiente dominado por outros sujeitos (homens), a busca por direitos igualitários, e de visibilidade como pertencente da mesma categoria.

A partir do empoderamento feminino, quebra-se o discurso que prioriza o homem, permitindo demonstrar o papel fundamental da mulher na questão da vida social do grupo, ganhando autonomia, articulações que visam igualdade na questão de gênero (MATOS, 2008).

Consequentemente essas transformações no espaço pesqueiro de Porto dos Milagres, permeiam na questão da igualdade de gênero, ao qual a mulher busca ter posicionamento em seu ambiente de trabalho e expressando suas ideias, opiniões e tomando suas próprias decisões, assumindo novos significados como agentes transformadoras nas relações sociais.

Neste contexto, o principal objetivo dessa pesquisa é analisar o papel das mulheres e a sua relevância em meio a uma atividade tradicionalmente reconhecida como masculina, enfocando a relação que existe entre as mulheres e suas diversas atuações na atividade pesqueira, sob a perspectiva dos atores entrevistados, e sobretudo compreender as percepções que as mulheres desta comunidade têm sobre a relação entre elas e a pesca artesanal e como este vínculo é reconhecido e valorizado. Além de contribuir para a visibilidade do papel feminino no âmbito da atividade pesqueira artesanal, tomando como campo de análise uma comunidade pesqueira de Portos dos Milagres (Santarém-Pará).

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para a realização deste estudo foi desenvolvida, metodologicamente, uma abordagem qualitativa de pesquisa, pois, segundo Arilda Schmidt Godoy, “um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada” (GODOY, 1995, p. 21). Isto é, o pesquisador vai a campo, a fim de apreender o fenômeno em estudo, a partir da expectativa dos sujeitos nele envolvidos, e analisar todos os pontos de vista relevantes à compreensão dos fatos com que se deparar (MONTEIRO, 2016).

Entre as diferentes possibilidades de abordagens, optou-se pelo método etnográfico, oriundo da Antropologia, por ser considerado, “o registro-testemunhal disciplinado e deliberado de acontecimentos humanos” e envolver um conjunto particular de procedimentos metodológicos e interpretativos, segundo o qual, durante um longo período de estudo o pesquisador usa técnicas de observação, entrevistas, contato direto e participação em atividades (GODOY, 1995; NEVES, 1996; WILLIS; TRONDMAN, 2008).

Nessa perspectiva, segundo Michael Genzuk (1993 *apud* FINO, 2008, p. 47-48), etnografia é:

[...] um método de olhar de muito perto, que se baseia em experiência pessoal e em participação, que envolve três formas de recolher dados: entrevistas, observação e documentos, os quais, por sua vez, produzem três tipos de dados: citações, descrições e excertos de documentos, que resultam num único produto: a descrição narrativa (GENZUK, 1993 *apud* FINO, 2008, p. 47-48).

Quem utiliza esse método participa abertamente da vida cotidiana das pessoas durante um tempo relativamente extenso, vendo o que passa, escutando o que se diz, perguntando coisas, recolhendo todo tipo de dados possíveis para poder refletir sobre o tema que se pretende estudar (ROCHA; ECKERT, 2008).

Todos esses elementos compõem a metodologia dessa pesquisa, uma vez que a proposta não é apenas descrever os fatos ocorridos no contexto da atividade de pesca, mas fazer uma reflexão sobre relações de gênero, ressaltando a dinâmica social, familiar e organizativa das pescadoras artesanais, refletindo a diferenciação de papéis na colaboração e manutenção da atividade pesqueira pertinente ao sistema econômico familiar. Segundo Sousa (2008), com base nesse aporte, é possível entender “documentar, monitorar e encontrar o significado da ação”.

Além dos dados primários a pesquisa é composta por dados secundários obtidos, através de pesquisa documental e bibliográfica analisando teses, dissertações, artigos e demais publicações que subsidiaram a compreensão do tema em estudo e quando necessários, junto às autoridades/entidades reguladoras da atividade pesqueira na região como a Colônia de Pescadores-CPP Z-20 representada por algum diretor e o Núcleo de Base do Uruará representado pelo Coordenador, também foi consultado o primeiro Coordenador do Núcleo de Base do Uruará.

2.1 Descrição da área de estudo

A cidade de Santarém, localizada na Região Oeste do Pará, foi fundada no século XVII, em 22 de junho de 1661. Era morada original de índios “Tupaiús” ou “Tapajós”, que sobreviviam da agricultura, pesca e do extrativismo animal, sendo desbravada pelos Jesuítas portugueses (DUARTE, 2016; SANTARÉM, 2019).

Localizada a cerca de 800 km de distância da capital Belém, a cidade de Santarém tem uma extensão territorial de 17.898,398 km² (SANTARÉM, 2019). É uma área de conformação irregular, sendo larga no sentido leste e oeste e mais estreita ao sul. Sua sede político-administrativa, localizada na margem direita do rio Tapajós, na confluência com o rio Amazonas, ocupa uma área urbana de aproximadamente 77 km² (IBGE, 2013), esta cidade do interior do estado do Pará tem aproximadamente trezentos mil habitantes.

É considerada uma das cidades mais antigas da região Amazônica, sendo conhecida poeticamente como “pérola do Tapajós”, pois se situa na confluência entre o Rio Tapajós e o Amazonas. A cidade é conhecida como atrativo turístico, possuindo uma extensão de mais de 100 km de praias. Santarém é composta por mais de uma centena de vilarejos com características sociais, culturais e históricas peculiares. Existem os povoados das margens dos rios Amazonas, Tapajós e Arapiuns, as comunidades do planalto (as margens das Rodovias Cuiabá, Curuá-una e Transamazônica), aldeias indígenas, comunidades quilombolas, além de uma área urbana com mais de duzentos mil habitantes. Exatamente nesta cidade fica localizado o Bairro do Uruará (DUARTE, 2016).

O bairro está localizado à margem do Rio Tapajós, mais popularmente conhecida como “beira do rio”. O lugar surgiu a partir de invasões¹. É uma região considerada com

¹ Ato ou efeito de invadir. Entrada violenta ou arrogante. Difusão, propagação (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2016).

sérios problemas sociais, sem estrutura urbana, sem planejamento e com saneamento básico precário. As famílias, em sua grande maioria, são oriundas de comunidades ribeirinhas, que, por sua vez, sobrevivem da pesca e de trabalhos autônomos (DUARTE, 2016). No bairro está localizado o Porto do Milagres (recorte espacial onde o estudo foi desenvolvido) (Figura 1) o segundo maior comércio de peixes de Santarém (IMPACTO, 2012) caracterizado principalmente pela venda de peixe vivo. O local é utilizado pelos pescadores para comercialização do pescado em todos os períodos do ciclo sazonal.

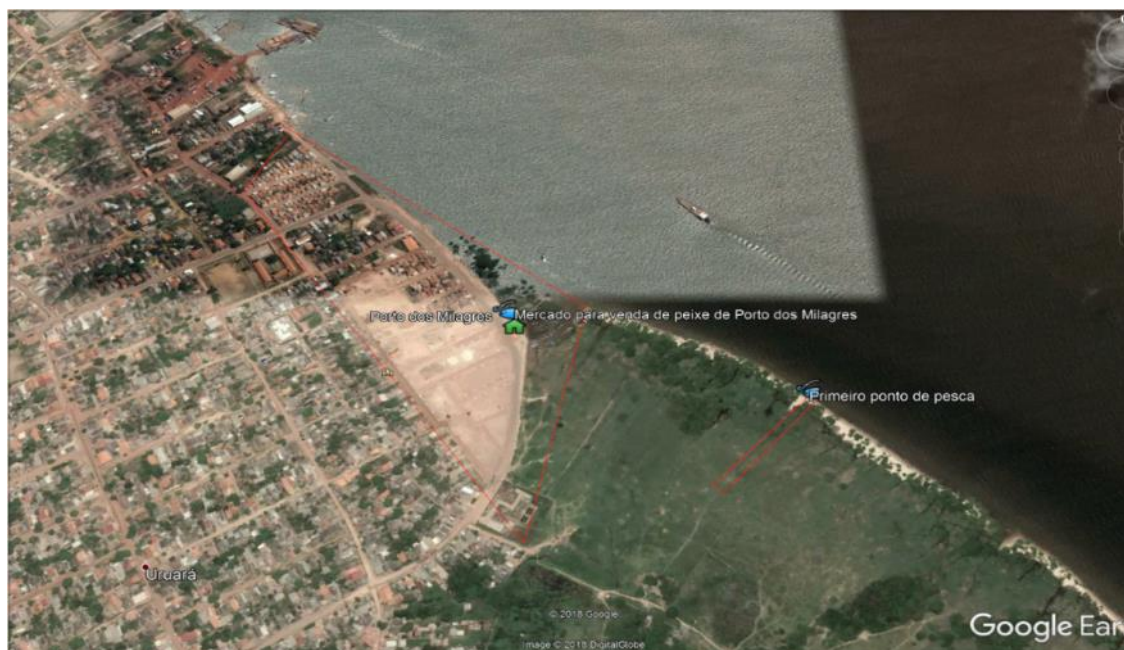


Figura 1. Mapa de localização do Porto dos Milagres
Fonte: Google Earth.

Nos últimos 10 anos ocorreram alterações e modificações na infraestrutura paisagística e logística do Porto dos Milagres, por meio da intervenção política do Estado. O projeto Programa de Aceleração do Crescimento-PAC (detalhado mais a frente) possibilitou a construção de uma estrutura de concreto (chamada de orla) que serve para conter a invasão da água nos períodos de cheia da região. Evitando dessa forma a inundação das casas construídas pelo PAC e que favoreceram o novo processo de urbanização.

A urbanização recente em Porto dos Milagres provocou não só uma reorganização nos processos produtivos da pesca, mas também no cotidiano dos moradores e no

paisagismo que compõe aquele espaço. Ocorreram novas dimensões sociais que estão adequando-se as demandas necessárias que se impõem sobre a reprodução social do lugar.

2.2 Coleta de dados

As coletas foram realizadas entre fevereiro e maio de 2018, após a autorização do Coordenador do Núcleo de Base do Uruará, o qual foi apresentado a proposta e o objetivo do estudo. O mesmo foi o responsável pelo contato com a primeira pescadora.

De acordo com o próprio Coordenador, existem 86 pescadoras associadas ao Núcleo de Base do Uruará, valor bem abaixo da representatividade masculina (194). Desse total apenas nove mulheres aceitaram fazer parte da pesquisa, outras se recusaram a participar, e algumas não foram encontradas, não tendo dessa forma informações se ainda estão na atividade. Do universo pesquisado duas entrevistadas (Dona Antônia e Dona Maria, ambos nomes fictícios) foram as maiores responsáveis pela construção desse trabalho, fornecendo o maior número de informações. No segundo capítulo é feita uma breve apresentação das duas mulheres entrevistadas). Essas pescadoras são associadas à CPP Z-20 e utilizam o Porto dos Milagres como local de trabalho. Todos os entrevistados são identificados por nomes fictícios.

As observações participativas, que consistia no acompanhamento da rotina e participação na atividade de pesca, em conversas formais e informais com as pescadoras, assistindo reuniões e assembleias no núcleo de base, aconteceram em todo período de coleta.

As entrevistas foram realizadas por meio de formulários semiestruturados (por considerar flexível e com liberdade de desenvolver perguntas em situações que achar adequadas) com o intuito de obter informações sobre os aspectos socioeconômicos das pescadoras, a modalidade de pesca (técnicas de pesca, locais e formas de exploração, espécies capturadas, comercialização), assim como as relações de trabalho e as suas formas organizacionais, seguida de perguntas para avaliar a percepção ambiental do local em que vivem.

Também foram realizadas gravações em áudio dos momentos de entrevistas, e a obtenção de registros fotográficos com o objetivo de ilustrar as informações mais relevantes, como as cenas culturais, os atores sociais, a rotina de trabalho (pesca) e os

recursos biológicos explorados. Algumas imagens fotográficas foram acrescentadas ao corpo deste trabalho.

CAPÍTULO 1 – PORTO DOS MILAGRES

1.1 Contextualização Histórica De Porto Dos Milagres

1.1.1 Colônia de Pescadores Z-20 (CPP-20) e Núcleo de Base

A Colônia de Pescadores Z-20 é a Organização Sindical dos Pescadores Artesanais de Santarém. É uma Instituição não governamental, sem fins lucrativos. Foi criada em 14 de março de 1920. Em 1981, os pescadores motivados pela luta e conquista do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais começaram junto aos setores da Igreja Católica (catequese rural e a assessoria da FASE) um processo sistemático de preparação para conquista da entidade, formaram uma chapa para disputar a eleição pela direção da Colônia de Pescadores Z-20 (GAMA, 2016, p.114-116), com o objetivo de conquistar a direção da entidade e recuperar a identidade coletiva dos pescadores (LEROY, 1988, p.38).

Com essa conquista, os pescadores artesanais passaram a coordenar a Colônia de Pescadores Z-20, que se tornou referência de organização e luta coletiva pelos direitos sociais da classe. Dentro da hierarquia organizacional da Colônia de Pescadores Z-20, existem os diretores executivos, o conselho fiscal e os núcleos de base, que possuem a responsabilidade de coordenar a luta dos pescadores artesanais (SOUSA, 2017). Neste contexto:

Núcleo é a Organização de Base da Colônia de Pescadores, onde todos os sócios deveriam estar ligados. Cada Núcleo elegerá um Coordenador por mandato definido no Estatuto. Se a quantidade de pescadores-sócios na Capatazia for grande pode-se eleger também um Tesoureiro e um Secretário (CARTILHA COLÔNIA DE PESCADORES, 2004, p.15).

Segundo o diretor de relações públicas da Z-20 o Sr. Jondra Pinto, alguns fatos marcam a trajetória de lutas da colônia, dentre eles a política do seguro defeso:

“A Z-20 tem lutado em prol dos pescadores e muitos são os desafios. Mas o maior deles é o seguro defeso que é uma demanda grande e antiga. Em 1993 quando foi criado, enfrentamos uma luta muito grande. Só pra ter uma ideia o pescador tinha que passar um dia inteiro no INSS para conseguir e hoje é tudo resolvido por aqui” (SAPOPEMA, 2018).

No ano de 2016 a entidade possuía perto de 13.400 filiados, dos quais 7.200 eram pescadores ativos distribuídos nos 106 núcleos de base, abrangendo todo o município de Santarém. Desses, cerca de 5.434 pescadores preencheram o requerimento para receber o benefício do seguro do defeso (SOUSA, 2017).

A organização e o fortalecimento das entidades representativas dos pescadores são essenciais para o processo de fortalecimento da democracia e da construção da gestão participativa dos recursos naturais.

1.1.2 O “desenvolvimento” no Porto dos Milagres – Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

A história de Porto dos Milagres é contada a partir do relato do Sr. João (nome fictício) 55 anos, morador de Porto dos Milagres há mais de 16 anos. Foi o primeiro coordenador do Núcleo de Base do Uruará, permanecendo por 5 anos e meio no cargo. Hoje é associado e morador, foi indicado através de outros conhecidos como uma das pessoas que mais possui informações sobre a associação e sobre o espaço.

Segundo o Sr. João até o ano de 2002 o lugar era chamado pelos moradores e outros frequentadores de “matadouro”, pois havia um abatedouro de gado bovino no espaço. No ano de 2002, com o objetivo de fortalecer a atuação da representação dos pescadores foi criado os Núcleos de Base, daí surgiu o Núcleo de Base do Uruará, sob coordenação do Sr. João.

As reuniões aconteciam sobre um terreno cedido por um dos membros, geralmente embaixo de uma árvore (Jambeiro) (Figura 2). E a venda do pescado era feita na praia, segundo relato “[...] *era uma praia grande as margens dos rios Amazonas e Tapajós, onde os pescadores atracavam seus barcos² e canoas para vender o resultado da pesca*” (relato do pescador Sr. João (nome fictício), 55 anos). Seu mandato iniciou com 62 pescadores associados ao Núcleo de Base do Uruará.

² Os barcos que atracam no Porto dos Milagres, são de pequeno e médio porte, canoas (botes) e rabetas.



Figura 2. Retrato das reuniões do Núcleo de Base do Uruará no ano de 2002.
Fonte: Associação do Núcleo de Base do Uruará, 2002.

Com o passar do tempo compraram um terreno próximo a praia e sobre ele construíram o primeiro espaço para a reunião e venda do pescado chamado pelos frequentadores de *tablado*³ (Figura 3), ou Complexo Abastecimento do Uruará ou mesmo Núcleo de Base do Uruará, que com o passar do tempo foi chamado de Porto dos Milagres, nomenclatura atualmente usada. Para continuar a construção do espaço foram realizadas promoções e festas pelos associados. *“A gente começou a fazer promoções aqui. Fizemos a primeira parte, foi o assoalho da frente, aí no primeiro inverno a gente já vendia o peixe aqui”* (relato do pescador Sr. João (nome fictício), 55 anos).

³ Tablado um espaço construído de madeira, sobre ele havia várias mesas que servia para pôr o pescado para a comercialização e onde agregava os pescadores de Porto dos Milagres.

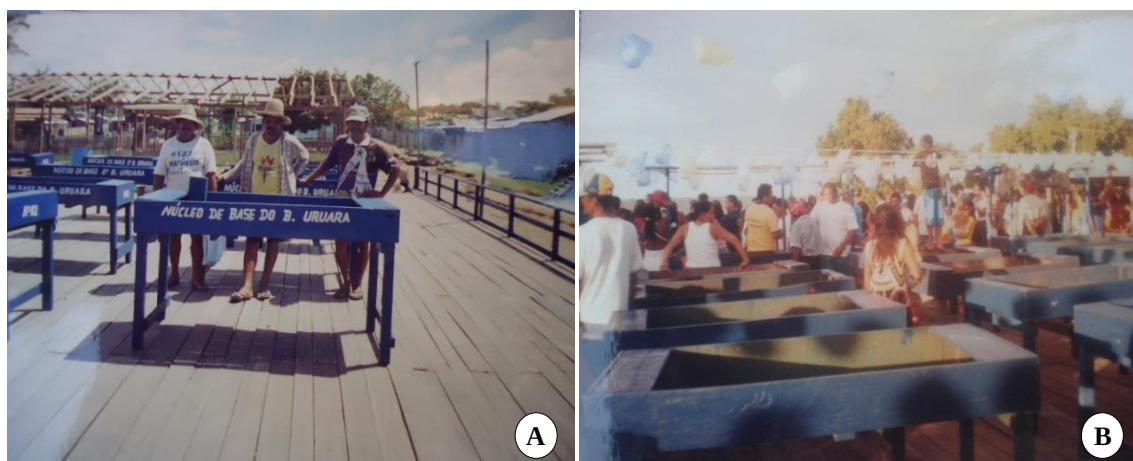


Figura 3. Foto do Tablado do Núcleo de Base do Uruará – A; Imagem do tablado em dia de festa da Associação - B.

Fonte: Associação do Núcleo de Base do Uruará, 2002

Em 2006 o Sr. João repassou o cargo de Coordenador, com o Núcleo de Base do Uruará todo organizado, já havendo mais de 400 pescadores associados dentre homens e mulheres.

Em 2008, o bairro do Uruará, junto com o bairro do Mapiri foram escolhidos para execução dos projetos do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC do Governo Federal. As áreas selecionadas para execução desses projetos são áreas de riscos e o PAC promove infraestrutura, sistema de esgotamento e tratamento sanitário, o objetivo também é a construção de habitações populares através do Programa Minha Casa Minha Vida, de acordo com Silva (2018):

As áreas foram escolhidas para execução do Programa de Aceleração do Crescimento I no ano de 2008 pelo projeto de ação de urbanização e favelas, sendo os bairros denominados de “áreas reconhecidamente de risco, sujeita a constantes alagamentos, situação agravada quando da coincidência entre maré alta e o período de chuvas”, cujo o objetivo era a criação de sistema de esgotamento e tratamento sanitário bem como intervenções em áreas de risco, na infraestrutura e regularização fundiária desses bairros. O projeto objetivou a construção de habitações populares, sendo 325 famílias cadastradas no Uruará e 328 no Mapiri e estação de tratamento – ETE (rede de drenagem, coleta, tratamento e saída para o rio) que atenderia demais bairros do município, com um total executado de R\$ 11.494.458,87 (Uruará) e R\$ 22.509.902,23 (Mapiri)” (SILVA, 2018, p 62.)

As transformações que influenciam no meio social e ambiental do espaço Porto dos Milagres, hoje do ponto de vista político condizem com o discurso de “desenvolvimento” de Schroder, (2014), pois, consolidou a lógica do projeto de retirar os

moradores do estado de vulnerabilidade e proporcionar uma melhor qualidade de vida para a população local, uma vez que todo espaço foi reestruturado.

As casas antes eram construídas de madeira sobre *palafitas* (casas elevadas do chão) (Figura 4), como forma de se moldar ou se adaptar às variações sazonais do nível das águas locais (seca e cheia), impostas pelo ciclo das chuvas. Moradia bastante comum na região amazônica e adotada por ribeirinhos, estando presentes às margens de igarapés, rios e furos, indicando a resistência de uma cultura que se adaptou às terras baixas e alagáveis, ao optarem por casas elevadas do chão e por grande permanência na paisagem amazônica (MENEZES et al, 2015).



Figura 4. Casas sobre palafitas no Bairro do Uruará.
Fonte: Associação do Núcleo de Base do Uruará, 2002

Através do projeto do PAC as casas foram adaptadas e construídas de alvenarias, com abastecimento de rede de água, esgoto e energia elétrica. O espaço foi todo aterrado para ser possível a construção das casas, foi construído um paredão de concreto (chamado de orla pelos residentes) essa orla impede que a água invada o lugar. Além disso foram realizados melhoramento nas áreas como, construção de uma avenida e urbanização nos locais alagados, possibilitando a passagem de linha de ônibus (Figura 5).



Figura 5. Foto da área ao entorno das casas do PAC, demonstrando as modificações estruturais (asfalto, orla, postes de energia e as casas de alvenaria).

Por causa destas transformações, a venda de pescado antes sobre o tablado de madeira hoje é realizada dentro do novo mercado do Porto dos Milagres (Figura 6), com 25 bancadas de mármore e abastecimento de água. No entanto, ainda há pescadores que preferem realizar suas vendas nas proas de suas canoas. No mercado além da comercialização de pescado, há vendas de outros produtos, como: camarão, avium, melancia, farinha, mandioca, milho, banana, mari, tucupi, limão, dentre outros.



Figura 6. Foto da área externa do Mercado do Porto dos Milagres – A; Foto da área interna do Mercado do Porto dos Milagres, após o PAC.

Sobre essas alterações inferem-se nas articulações de Peter Schroder (2014) que objetiva o “desenvolvimento” como um “campo político” que inserem agentes em diversos interesses e que tem estruturas socialmente moldados.

O discurso do Estado em relação ao propósito do PAC é justamente promover grandes obras de infraestrutura social para país, contribuindo na logística e no desenvolvimento sustentável. dos setores estruturantes, buscando a adequação sanitária do espaço de comercialização do pescado, essa intervenção alterou arquitetonicamente este local.

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento foi criado em 2007, no segundo mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2007-2010), o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) promoveu a retomada do planejamento e execução de grandes obras de infraestrutura social, urbana, logística e energética do país, contribuindo para o seu desenvolvimento acelerado e sustentável (Fonte: <http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac>).

1.2 Atividade Pesqueira

1.2.1 Pescadores artesanais

Pescadores artesanais possuem um vasto conhecimento adquirido através das gerações sobre a ecologia e biologia das principais espécies de peixes, bem como das mudanças ambientais e ecológicas do ambiente pesqueiro (SERRÃO, 2018). Possuem uma relação direta com a natureza, por meio da exploração dos “ambientes aquáticos, de forma individual ou junto a unidade familiar (SOUSA, 2017), que os tornam dependentes dos recursos naturais, seja como fonte de alimento ou de renda (VAZ, 2016).

Na concepção de Diegues (1983, p. 183), o pescador artesanal tem o “controle de como pescar e do que pescar, em suma, o controle da arte da pesca”, ou seja, é aquele que domina plenamente todos os meios de produção (arreios, rotas e embarcações) da pesca.

Os pescadores da região do Porto dos Milagres têm consciência da sua categoria social, dos seus deveres como pescador artesanal, das regras existentes e da importância de cumpri-las, como podemos perceber com o seguinte relato:

Aquele que vive da atividade da pesca mesmo. De lá ele que sustenta sua família, ele tira pra comprar o seu arreio para as melhorias do seu meio de vida pesca mesmo. O pescador na lei a embarcação dele tem que ser até para 3 toneladas isso a lei rege, é uma forma de preservação. Passou acima de 3

toneladas, ele já é considerado pescador, não é mais um mero pescador. O cara pega uma geleira grande dessa ele vai comprar o pescado, investe em material, mas ele não é pescador, os pescadores são seus funcionários dele. Pescador artesanal é aquele pescador pequeno, que tem sua embarcação pequena e vai para o rio trabalhar mesmo, pescar mesmo (relato do pescador Sr. João, 55 anos).

McGrath et al., (1994) ressalta que apesar da maior parte da produção da pesca artesanal está voltada, praticamente, para o sustento familiar, o seu excedente é comercializado nas feiras, mercados e dentro da comunidade, assumindo, desta forma, uma função preponderante no fomento ao desenvolvimento econômico, social e ambiental.

Além disso, tem contribuição direta na garantia de uma melhor qualidade de vida e da segurança alimentar para a população de determinada localidade. A pesca artesanal se destaca também entre os demais setores econômicos, pois tem cooperado, significativamente, para a garantia de alimentos à mesa da população brasileira, atividade que possui métodos adequados ao desenvolvimento sustentável do ecossistema amazônico (VAZ, 2016; SOUSA, 2017).

1.2.2 Espécies de peixes capturadas

Foram citadas um número expressivo de espécies de peixes capturadas e comercializadas no Porto dos Milagres (Tabela 1). Em um estudo sobre a pesca artesanal no Lago Maicá, região próxima ao Porto dos Milagres, Serrão (2018) descreveu 32 categorias de pescado capturado na região do Maicá. Boa parte dessa produção também é comercializada no Porto dos Milagres, sendo ele considerado pelos pescadores do Maicá um importante ponto de venda na região, principalmente para venda do peixe vivo.

Tabela 1. Descrição da ictiofauna capturada pelos pescadores do Porto do Milagres, Santarém-Pará.

Ordem/família	Etnoespécies	Táxon
Characiformes Serrasalminidae	Pacu	Subfamília Myleinae incluído <i>Myleus</i> , <i>Metynnis</i> <i>Mylossoma aureum</i> (Agassiz, 1829), <i>Mylossoma aalbiscopum</i> (Cuvier, 1818) entre outras
	Tambaqui ou bocó	<i>Colossoma macropomum</i> (Cuvier, 1818)

	Piranha, piranha preta e vermelha	Família Serrasalminae incluindo <i>Serrasalmus</i> spp., <i>Pygocentrus nattereri</i> (Kner, 1858) entre outras.
	Pirapitinga	<i>Piaractus brachipomus</i> (Cuvier, 1818)
Anostomidae	Aracu	<i>Leporinus</i> spp., <i>Schizodon</i> spp.
Prochilodontidae	Curimatá	<i>Prochilodus nigricans</i> Agassiz, 1829
	Jaraqui	<i>Semaprochilodus insignis</i> (Jardine, 1841) e <i>S. taeniurus</i> (Valenciennes, 1821)
Triportheidae	Sardinha, sardinha comum, cumprida, Papuda	<i>Triportheus</i> spp.
Erythrinidae	Traíra	<i>Hoplias malabaricus</i> (Bloch, 1794)
Bryconidae	Matrinxã, jatuarana	<i>Brycon amazonicus</i> (Spix & Agassiz, 1829)
<u>Hemiodontidae</u>	Charuto	<i>Anodus</i> spp., <i>Hemiodus</i> spp.
<u>Perciformes</u>		
<u>Cichlidae</u>	Tucunaré	<i>Cichla</i> sp.
	Acará, cará, acará-açu, carauaçu, acará-roxo, acaratinga	Cichlidae incluído <i>Astronotus ocellatus</i> (Agassiz, 1831), <i>Chaetobranchopsis orbicularis</i> (Steindachner, 1875), <i>Hero</i> spp., <i>Geophagus proximus</i> (Castelnau, 1855) entre outros.
<u>Sciaenidae</u>	Pescada	<i>Plagioscion</i> spp.
<u>Siluriformes</u>		
Pimelodidae	Surubim	<i>Pseudoplatystoma punctifer</i> (Castelnau, 1855)
	Dourada	<i>Brachyplatystoma rousseauxii</i> (Castelnau, 1855)
	Pirarara	<i>Phractocephalus hemiliopterus</i> (Bloch & Schneider, 1801)
	Filhote/piraíba	<i>Brachyplatystoma filamentosum</i> (Lichtenstein, 1819)
	Mapará	<i>Hypophthalmus</i> spp.
	Jaú	<i>Zungaro zungaro</i> (Humboldt, 1821)
	Piraputaba, piaba	<i>Brachyplatystoma vaillantii</i> (Valenciennes, 1840)
	Fura-calça	<i>Pimelodina flavipinnis</i> (Steindachner, 1876)
	Barba-chata	<i>Pirirampus pirinampu</i> (Spix & Agassiz, 1829)
	Mandi	<i>Pimelodus blochii</i> Valenciennes, 1840.
<u>Auchenipteridae</u>	Mandubé	<i>Ageneiosus</i> spp.
<u>Loricariidae</u>	Acari	<i>Pterygoplichthys pardalis</i> (Castelnau, 1855)
<u>Doradidae</u>	Cujuba	<i>Oxydoras niger</i> (Valenciennes, 1821)
<u>Callichthyidae</u>	Tamoatá	<i>Hoplosternum littorale</i> (Hancock, 1828)
<u>Osteoglossiformes</u>		
<u>Osteoglossidae</u>	Aruanã	<i>Osteoglossum bicirrhosum</i> (Cuvier, 1829)
<u>Arapaimidae</u>	Pirarucu	<i>Arapaima</i> spp.
<u>Clupeiformes</u>		
<u>Pristigasteridae</u>	Apapá	<i>Pellona flavipinnis</i> (Valenciennes, 1837), <i>P. castelnaeana</i> Valenciennes, 1847

Fonte: Adaptado de SERRÃO (2018)

1.2.3 Apetrechos de pesca

Os instrumentos de pesca utilizados são simples e algumas vezes confeccionados pelas próprias pescadoras. Dentre os apetrechos mais utilizados na atividade de pesca se destaca a malhadeira. A seguir abordaremos algumas técnicas e métodos de captura usados pelas pescadoras.

1.2.3.1 VARA E ANZOL (*CANIÇO*)

A pesca com vara e anzol (*caniço*) (Figura 7) é o processo onde o peixe é atraído por uma isca e capturado pelo anzol. Usarei o nome *caniço*, pois é como as pescadoras se referiram durante a entrevista. *Canhão* é uma linha de nylon (*mica*) amarrado na ponta de uma vara. A princípio a vara era de madeira, mas descobriram o bambu, que é mais flexível, reto e oco, melhor para manusear. A pesca com vara e anzol utiliza-se iscas (que pode ser pirão de farinha de mandioca, outros peixes e frutos) com o objetivo de capturar o peixe pela boca, também, conhecida como pesca à linha.



Figura 7. Pescadora pescando com caniço
Fonte: Dourado, 2017

1.2.3.2 MALHADEIRA OU REDE DE EMALHAR

Outra alternativa de pesca é com malhadeiras (Figura 8). Construí-las requer muito tempo, mas quando é necessário as pescadoras confeccionam suas próprias malhadeiras. Neste caso, são construídas as mais caras, que levam de 60 a 100 carreteis de linha de algodão ou malha, custam em média R\$ 11,00 o *carro* como dizem, possuem 6 metros de altura, que servem para pescar peixes maiores como por exemplo o surubim (*Pseudoplatystoma punctifer*). As redes compradas são as que servem para pescar peixes menores, custam aproximadamente de R\$ 60,00 a R\$ 80,00, são feitas de nylon (mica). As pescadoras realizam reparos nas malhadeiras que são danificadas pelos botos, piranhas e galhos no fundo do rio. São instrumentos encontrados na pesca artesanal, com variados tipos e tamanhos e utilizados de acordo com o tipo de peixe (tamanho).



Figura 8. Pescadora revistando a malhadeira de nylon com 60m de comprimento
Fonte: Dourado, 2017

1.2.3.3 TARRAFA

A tarrafa é um tipo de rede de pesca feita de malha de algodão ou nylon (*mica*), com a forma de um cone, com pedaços de chumbo distribuídos na parte inferior. Quando jogada na água, vai até uma certa profundidade fechando-se e prendendo o peixe dentro (Figura 9).

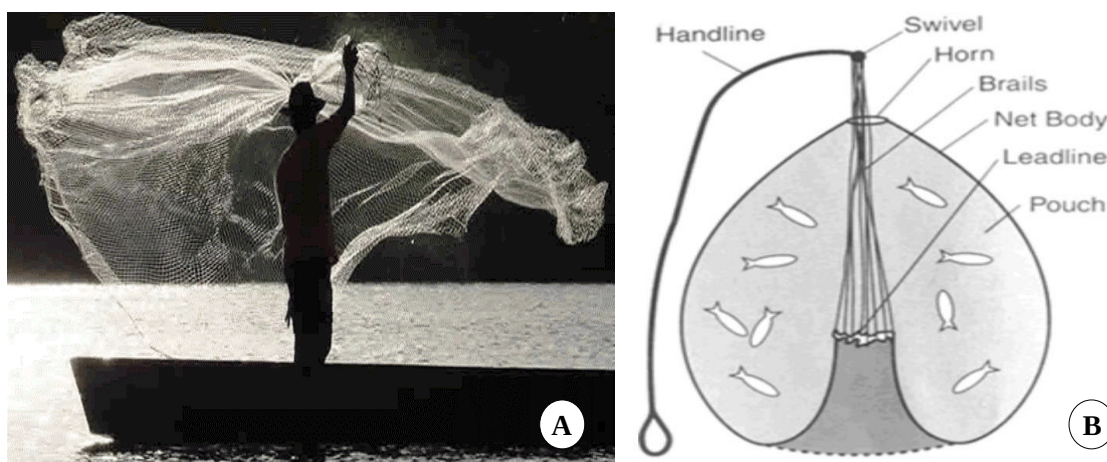


Figura 9. Pescador manuseando a tarrafa na captura do peixe - A; Desenho esquemático da tarrafa – B.
 Fonte: <http://www.shopnautico.com.br/tarrafa-de-pesca-estilo-americana-p571>
 Fonte: <https://textilsauter.com.br/tarrafas>.

1.2.3.4 BUBUIEIRA

Uma rede retangular, bem extensa, construída em nylon e algodão. A bubueira fica à deriva no rio, suspensa por flutuadores. Esses flutuadores são chamados de “boinha” feita de plástico ou isopor. Também ficam amarradas nas embarcações.

1.2.3.5 ESPINHEL

O espinhel é um instrumento de pesca, que se resume a uma vara fincada a beira do rio. Sobre esta vara, estica-se uma linha de algodão químico com vários anzóis presa a mesma (Figura 10). Essa forma de pescar é utilizada para a captura de peixes maiores como: Piraíba (*Brachyplatystoma filamentosum*), Jaú (*Zungaro zungaro*) e Pirarara (*Phractocephalus hemiliopterus*) com uma linha de 3 mm. No caso de peixes médios,

como a Dourada (*Brachyplatystoma rousseauxii*) e piaba (*Brachyplatystoma vaillantii*), a linha é 2 a 2,5 mm e se for pegar peixe menor, como surubim, é utilizado a linha de 1,5 mm.

O espaço entre os anzóis é equivalente a 20 metros, cada um vai com uma isca, como, por exemplo: cabeça de peixe menores, pedaços de peixe, como o apapá (*Pellona* spp.), pacu (*Myleus* spp.), curimatã (*Prochilodus nigricans*), dentre outros. Geralmente a numeração dos anzóis é ao contrário, os números maiores de anzol são direcionados para captura de peixes menores, assim como os números menores de anzol são para captura de espécies de peixes de grande porte. Os que servem para pescar peixes maiores é de 0 e 1, os peixes médios é de 02 e 03 e os menores de 04 e 05. Os peixes considerados pequenos têm de 4 a 8 kg, os médios de 9 a 30 kg e acima de 30kg são considerados grandes.



Figura 10. Pescadora retirando o peixe do espinhel.
Fonte: Dourado (2017).

1.2.4 Locais de pesca

Esse ano como a enchente não foi grande, os pescadores tiveram que mudar-se para mais longe, para poder pegar o peixe. Com isso, costumam pescar além das áreas próximas ao porto dos milagres, na boca do ituqui (Boca do Ítuqui é um lugar de várzea, que fica há mais de duas horas de Santarém), indo também um pouco mais longe no Curuá (Curuá faz parte do município de Prainha, para chegar até lá, navegam o dia todo). Em Curuá ficam um tempo a mais para pescar, cerca de 1 a 2 semanas dependendo se a pescaria for produtiva, pois é mais distante, retornando assim que acreditam ter pescado o necessário para vender e suprir suas necessidades ou atravessam o rio Amazonas ponto do urubu (Figura 11). Através da imagem, podemos observar a distância percorrida para realização da atividade de pesca. Isso ocorre em decorrência dos processos sazonais que estão inseridos os pescadores. Ou seja, seca e cheia do rio.



Figura 11. Mapa dos pontos de utilizados pelos pescadores.
Fonte: Google Earth

No caso, quando o pescado está em sua abundância, chamada pelas pescadoras de *a época da safra*, os mesmos acabam vendendo para barcos pesqueiros antes de chegarem em Porto dos Milagres, pois o peixe torna-se barato demais, devido a grande quantidade. Como os mesmos, vão para longe, se venderem baratos demais, terão prejuízos, com isso, tomam a iniciativa de vender por lá mesmo.

E estando bom de peixe, tem muito peixe em porto dos milagres e as vezes acabamos vendendo para geleiras, para levarem para outros lugares. É só do pega, pesa e passa pra eles. E quando ainda está bom de vender aqui ele fica lá e eu venho vender aqui, termino minha venda e dobro de volta para pescar junto com ele. Quando estou longe daqui venho de passagem com algum conhecido de barco ou rabeta e volto do mesmo jeito, porque sempre está indo e voltando pessoas para onde pescamos. Pois, esse tempo de verão tipo em setembro dá ventão forte, aí fica difícil vir somente eu (pescadora Dona Antônia, 53 anos).

1.3 Relação Pescador-Ambiente

O ambiente pode ser percebido em diferentes contextos e sobre várias formas, a importância do Porto dos Milagres para as pescadoras está principalmente relacionada a possibilidade de adquirir renda e alimento, através da comercialização do pescado (SILVA, 2018; SERRÃO, 2018). Constata-se que o Porto dos Milagres é um ambiente que influencia tanto nas relações sociais, como ambientais e econômicas.

A partir dessa perspectiva, Ingold (1995) em sua concepção destaca um olhar global, por meio de sua fala “longe de ser a ambiência do nosso habitat é a reintegração da humanidade no mundo, assinala o ápice de um processo de separação” (INGOLD, 1995, p. 31).

Entende-se através da fala de Ingold (1995) que apesar das modificações na infraestrutura do lugar (Porto) e do ambiente em volta com a execução do PAC. A natureza artesanal dos pescadores e seu conhecimento perceptivo sobre o espaço não foram atingidos, ou seja, os traços artesanais de aquisição do conhecimento, as práticas adquiridas através de experiências, os conhecimentos tradicionais indispensáveis ao meio ambiente do qual dependem intensamente a sua sobrevivência, são apropriação de conhecimentos práticos. Esses conhecimentos tradicionais são formas acumuladas através das experiências de grupos e individuais, possíveis através dos códigos sazonais do rio.

O conhecimento com relação a natureza, são conhecimentos repassados de pai para filhos ou de avô para netos de uma forma reprodutiva (sistema estruturante). Assim, as entrevistadas afirmaram que aprenderam com os seus antepassados momentos como: chegada de um cardume de peixe, se o tempo é bom para viajar, com qual malhadeira é melhor para pegar qual espécie de peixe, se o lugar é propício para pescar, se é hora de

pôr a malhadeira, quando é hora de retirar?. Tentando sempre respeitar o limite que à natureza impõem:

Aprendemos com nossos pais a diferenciar e ver o tempo, as vezes parece tão limpo o tempo, de repente muda, se a gente olha e ver o tempo se formando a gente nem sai do abrigo (lugar onde os pescadores protegem-se contra temporais), pois é perigoso da gente alagar. Mas, as vezes pega a gente de surpresa, é muito perigoso, muito mesmo (pescadora Antônia (nome fictício), 53 anos).

Isso condiz, com a (re) produção de conhecimento e suas formas, protocolos de repasse a outras gerações (CUNHA, 2007). Os antepassados da Dona Antônia são da região de várzea e outras comunidades pesqueiras. As experiências adquiridas ao longo dos anos, e os conhecimentos repassados, tornam-se necessários para sua vivência e sobrevivência na atividade da pesca ao qual a pescadora e seu esposo fazem parte.

A relação direta com a várzea apresenta um universo para atividade comercial, se materializando em uma rede de sociabilidade ajustando-se na circulação das coisas, tornam-se necessário para fluxo de produtos agrícolas que são cultivados por amigos, parentes e são vendidos em Porto dos Milagres. Essas mercadorias regionais, são: farinha, banana, melancia, ingá, marí, macaxeira, mandioca, pimentas, milho, pimenta com tucupi, dentre outros. Dessa forma Porto dos milagres torna-se um lugar estratégico de encontro entre cidade e ribeirinhos, pois a maioria das pessoas que vendem nesse local tem familiares, amigos e parentes receptores de suas mercadorias regionais para o local.

Todas as transformações atribuídas ao Porto dos Milagres, o trabalho das alternâncias ecológicas nas relações que os sujeitos mantêm em seu meio ambiente, estão relacionadas com organização do espaço e fatores como: cheia e seca, determinação do tempo de pesca, calendário para a chegada e termino de proibição do pescado, aos períodos que se pode pescar. Esse papel de alternância ecológica efetiva-se sobre um saber e fazer, repassado de geração a geração, entendido por Silva et al. (2015) como etnomanejo.

Nessa alternância ecológica há uma mobilização distinta da paisagem. No período de seca os pescadores de porto do Milagres deslocam-se em direção à praia formada com a descida da água, para a venda do peixe na beira do rio dentro das canoas ou em barracas improvisadas na praia (Figura 11). Antes do período de seca, no processo sazonal da vazante, os pescadores vão adaptando-se a realidade e construindo pontes até o produto (peixe) nas canoas. Na enchente, o processo é inverso. Ocorrendo a venda do pescado no

mercado de concreto, mas alguns pescadores ainda preferem efetuar a venda dentro de suas canoas, que ficam ancoradas no cais do Porto.

Os vendedores de verduras e tratadoras de peixe improvisam barracas, para também facilitar a atividade deles. Observa-se através das fotografias como vão se constituindo esses processos de adequação. A figura 12 também retrata a movimentação intensa neste lugar, encontram-se pescadoras, pescadores, cuidadoras de peixes (as ticadoras), vendedores de frutas e verduras, vendedores de camarões e aviuns, atravessadores e compradores (clientes) de todas as partes da cidade de Santarém. No dia em que foi registrado essa fotografia, haviam pessoas de outras cidades, aparentemente estavam encantadas com a movimentação da diversidade do espaço e com a quantidade de espécie de peixes que havia disponível. Peixes de todos os tamanhos e para todos os gostos.



Figura 12. Venda do pescado na praia formada com a descida da água.

As imagens seguintes retratam o recuo do rio, mas com a água ainda próximo ao mercado, demonstram a ponte já em construção (Figura 13A), pois é questão de tempo para a água recuar. A próxima fotografia demonstra a ponte já pronta e retrata o espaço

completamente seco (Figura 13B), o recuo da água foi questão de 3 dias, a distância da praia para o Porto dos Milagres na seca fica aproximadamente a uns 500 metros. Atráves das fotografias, torna-se explicito a distância que os compradores percorrem para chegar até as conoas para comprar o peixe.



Figura 13. Ponte já em construção próximo ao mercado - A; Ponte já construída e o espaço já todo seco.

1.4 Conflitos Socioambientais

Porto dos Milagres se constitui como palco e espaço de redes de sociabilidade, em que acontecem diferentes relações sociais, apresenta um universo específico de atividades comerciais e redes de sociabilidade criando-se o sentimento de confiança entre compradores e pescadores, possibilitando ao mesmo tempo um lugar de trabalho (comercialização e limpeza do pescado) e lazer.

Para ter o direito da utilização do espaço do mercado, o pescador tem que ser associado ao Núcleo de Base. Com isso, a presença de outras pessoas no lugar para comercialização do pescado, é permitido somente com autorização da comissão organizadora do espaço. Porto dos Milagres é um espaço de atividade de pesca, possui uma associação que almeja direitos e deveres, e a grande quantidade de pessoas envolvidas no processo com opiniões diferentes acaba por ocasionar conflitos recorrentes.

Um desses conflitos é a presença de barcos geleiras, pois pretendem vender peixes já pescados há bastante dias. No entanto, a comissão não permite, pois não tem certeza sobre a procedência e qualidade do peixe. Quando isso acontece, reúnem-se a comissão de pescadores para serem tomados as providências cabíveis, diante do problema.

Porto dos Milagres é conhecido como um lugar que vende peixe vivo. Todo esse cuidado é imposto pelo fato de já ter ocorrido um caso de venda de um peixe que não era dos associados e sim de um barco geleira. A venda ocorreu próximo as dependências do Porto dos Milagres e por esta razão os consumidores associaram ao mercado.

Por isso a necessidade de [...] *de sempre zelar pela qualidade do pescado para que o espaço continue com sua integridade de boa qualidade dos peixes* (relato do pescador Sr Pedro (nome fictício)).

Essas providencias tornam-se necessárias também, pelo fato, da Semas⁴ (Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade) fiscalizarem frequentemente o espaço, com o intuito de promover uma melhoria na qualidade do pescado que está sendo posto à venda. Caso a Semas encontre algum pescado com qualidade suspeita, o dono é imediatamente notificado, perde seu pescado, paga multa e enfrenta várias situações burocráticas. Então, para que isso não ocorra, são tomadas precauções por parte da comissão do Núcleo de Base do Uruará e dos pescadores.

Outros conflitos estão relacionados ao espaço de venda (mercado de concreto) a questão é: quem pode e quem não pode vender no espaço? O novo mercado construído para comercialização, tornou-se pequeno para a quantidade de pessoas que comercializavam no local. Então decidiram que somente poderia ter acesso aquela estrutura as pessoas associadas ao Núcleo de Base do bairro do Uruará. Os demais como algumas cuidadoras de peixes, tiveram que se adaptar a outros lugares como: em frente de suas casas, no período da enchente e cheia. Na vazante e seca dos rios as cuidadoras de peixes constroem barracas sobre a praia. Essas barracas são construções de madeiras, com lonas para proteger-se do sol e mangueiras (tubos) para o abastecimento de água das barracas na praia.

A pescadora relata que encontra muitas adversidades na prática da pesca, pois é uma atividade muito desgastante, sofrida e conflituosa. Principalmente relacionado a conflitos por área de pesca entre pescadores, muito comum na região (VAZ, 2016). Ressalta ainda conflitos entre pescadores e camaroeiros, devido ao uso de armadilhas. Os matapis são colocados nas entradas dos aningais (loais utilizados para pesca), com isso, obstrui a entrada dos peixes que os pescadores capturariam mais adentro, sem falar nos peixes pequenos que são capturados e mortos nas armadilhas. Estudo de Imbiriba et al.,

⁴ Semas é uma “gestão ambiental integrada, compartilhada e eficiente, compatível com desenvolvimento sustentável, assegurando a preservação, a conservação do meio ambiente e a melhoria da qualidade de vida” através do link: <https://www.semas.pa.gov.br/institucional/o-que-e-a-sema/>

(2018), mostrou que algumas espécies estão sendo aprisionadas acidentalmente tanto em fase juvenil como adultos sexualmente maduros nas armadilhas para pegar camarão, situação que a médio e longo prazo pode gerar alguns riscos à manutenção dos estoques naturais.

CAPÍTULO 2 - AS MULHERES DO PORTO DOS MILAGRES

2.1 Uma Aproximação ao Campo

2.1.1 Pescadora Dona Antônia (nome fictício), 53 anos.

A pescadora é casada, mãe de 6 filhos, passa a maior parte do tempo sobre uma embarcação, vindo em sua residência somente na época do defeso⁵. A mesma exerce essa atividade a mais de 40 anos. Sua escolaridade chega até a 5ª série, pois como constituiu família muito cedo foi condicionada a ajudar na economia da casa. Nasceu na comunidade de Saracura (localizada na margem esquerda do rio Amazonas, é uma comunidade quilombola), mas seus pais são da comunidade de Jaquara que fica no município de Monte Alegre. Costuma exercer a atividade de pesca a partir do mês de março. Período em que os peixes ainda estão escassos, mesmo assim efetua a pesca.

Ao olhar de uma forma mais minuciosa, observei que na camisa da entrevistada (Figura 14) destaca-se uma figura, o símbolo do movimento feminista. Que traduz a forma como elas estão vivendo e atuando. Uma vez que a pesca artesanal tem se mostrado quase que dominada pelo mundo masculino, o que torna a mulher pescadora “invisível” no que diz respeito às relações de poder envolvidas nessa atividade (CAVALCANTE, 2018; JESUS JÚNIOR, 2014). Fazendo com que a mulher pescadora lute por seu espaço e reconhecimento.



Figura 14. O símbolo do movimento feminista na camisa da pescadora.
Fonte: Dourado, 2018.

⁵ Período do defeso época em que os peixes ficam proibidos para a comercialização, isso é determinado por lei federal “LEI Nº 11.959, DE 29 DE JUNHO DE 2009”, época da desova dos peixes.

2.1.2 Pescadora Dona Maria (nome fictício), 33 anos.

A pescadora é casada, mãe de 3 filhos, com nível de escolaridade até a 8ª série, pesca a mais de 16 anos, filha de pessoas que exerciam a mesma atividade, associada ao núcleo de base, sempre que pode participa das reuniões, de promoções promovida pela associação.

Relata que um de seus maiores sonhos era terminar seus estudos, todavia, a rotina diária a impede, em sua fala expressa sua vontade, mas também suas prioridades:

Tenho vontade de estudar, mas tem os meus filhos, meu trabalho. Cuidar de filhos e estudo é só para quem quer mesmo, eu não tenho mais vontade e fico muito cansada das atividades do dia-a-dia” (Dona Maria (nome fictício), 33 anos).

Costuma sair de casa para exercer a atividade de pesca junto a seu esposo, às 05h da manhã e retornando às 16h30min da tarde para vender o peixe ainda vivo. A pesca é sua única forma de atividade econômica.

2.2 Conquista Sociais na Atividade Pesqueira

Em Porto dos Milagres, as mulheres não possuem a própria associação, estando diluídas na mesma associação dos homens, ou seja, no mesmo Núcleo de Base do bairro do Uruará que é parte constitutiva da Colônia de Pescadores Z-20. Que lhe dá acesso há alguns benefícios:

têm o médico que a gente tem um desconto né, têm o auxílio doença, e a aposentadoria que são de 15 anos de contribuições (relato da pescadora Maria (nome fictício), 33 anos).

Nas reuniões, foi observado que são as primeiras a chegarem no local. Constatase que a classificação é como algo natural aos espaços sociais em que envolvem os gêneros, as mulheres se posicionam de um lado e os homens de outro, como se ambos tivesse combinado. O público feminino costuma falar sobre o que vai ser abordado ou sobre outras situações. E são as que mais questionam:

Eu acredito que na hora do impulso a gente fala, mas assim há um respeito um pelo outro aqui, e não tem isso apesar de eu ser mulher. Eu acho que é

uma troca, a diferença entre nós é que somente eles são homens e eu sou mulher só isso, mas a gente se sente bem assim. Não vejo conflito de inferioridade o que tem é muito respeito (relato da pescadora Maria (nome fictício) 33 anos).

A pescadora ainda acrescenta, que a inexistência de uma associação para mulheres na sua opinião, está vinculada a falta de interesse ou mesmo criatividade. Pois na região do Porto dos Milagres trabalha um número expressivo de mulheres em outras funções, como venda de lanche, verduras, e limpeza e tratamento de peixe (ticadoras). Todas em busca de um espaço para manter sua atividade produtiva.

Acredito que faltou interesse e criatividade não foram atrás de constituir isso e criar só para as mulheres, tem algumas que não exercem a atividade mais são sócias por ser mulheres de pescador, algumas vendem verduras, lanches para os pescadores que chegam com fome e uma forma de estarem ganhando seu dinheiro um pouquinho e participando daqui, porque são mulheres de pescadores, nem todas exercem as atividades de pesca, mas ajudam na economia da casa (relato da pescadora Maria (nome fictício), 33 anos).

A reunião do dia vinte e três de abril de 2017 que estava direcionada para o atraso do pagamento do seguro defeso⁶. As mulheres foram as que mais cobraram providencias para resolver o problema, demonstrando grande indignação em suas falas. Outra questão que também foi abordada é quais seriam as providencias tomadas pelo Núcleo de base em relação a falta ou ineficiência de fiscalização sobre os barcos (motor) geleiras, que querem vender o pescado no espaço do porto.

Demonstrando que a mulher pescadora é mais participativa e comprometida com o fortalecimento da comunidade local e a valorização da atividade pesqueira; isso revela o empoderamento e a importância que esses espaços de discussão criam em um ambiente tão masculinizado, dando voz às necessidades dessas mulheres. Dessa forma, nota-se que essa é uma transformação na vida dessas mulheres, percepção também constatada em (CAVALCANTE et al., 2018).

Dessa forma elas acabam sendo notadas e ouvidas, o que podemos perceber neste relato:

⁶ Seguro-defeso: Criado para dar garantias de renda aos pescadores artesanais de todo o País, o seguro-defeso é o benefício aos profissionais que ficam impossibilitados de trabalhar no período de defeso – meses em que a pesca para fins comerciais é proibida devido à reprodução dos peixes. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/emprego-e-previdencia/2018/08/seguro-defeso-saiba-quem-tem-direito-e-como-solicitar-o-beneficio>

[...] sempre que há uma manifestação no espaço as mulheres estão sempre a frente, é evidente a quantidade de homens ser maior, todavia, as mulheres que têm mais atitude e coragem (pescador Sr. Pedro (nome fictício)).

Percebe-se nessa narrativa, que as mulheres pescadoras não precisam ser parte da coordenação de Porto dos Milagres para se tornarem empoderadas, por meio de suas atitudes e manifesto, demonstram o grande poder que as mesmas possuem como um sujeito social, político e econômico.

O empoderamento feminino impulsionou a conquista de espaço no cenário socioeconômico e o conhecimento sobre seus direitos, deveres e obrigações. Para compreender melhor o termo empoderamento sua origem vem da palavra em inglês *empowerment*, que tem sentido de liderança ou ainda o exercício de liderança. A palavra começou a ser mais utilizada no mesmo período em que os movimentos organizados (feministas, camponeses, negros, indígenas) eclodiram na luta em defesa de seus direitos civis no país (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007).

De acordo com Lorio (2002), como resultado do processo a questão de gênero aparece na pauta dos debates estratégicos, como forma de reconhecimento da figura feminina como sujeito produtivo, quebrando as desigualdades existentes entre homens e mulheres.

As mulheres pescadoras, vem assumindo um papel voltado para a vida produtiva na sociedade atual. Fazem parte de uma categoria (pescadora). Hoje não é vista somente como uma simples ajudante, mas como uma profissional que conseguiu demonstrar através de suas atitudes, seu empoderamento, conquistando sua visibilidade e se mantendo firme em suas conquistas:

Ele pesca, ajudamos muito um ao outro. Mas, quem vai vender, pegar em dinheiro, comprar as despesas, sou eu (pescadora Dona Antônia, 53 anos).

As fotografias demonstram a chegada da pescadora Dona Antônia no Porto dos Milagres (Figura 15) para a realização da venda de seu pescado, capturados naquele mesmo dia. A mesma manuseia a canoa, prepara a cambada, em seguida vende o peixe (Figura 16A) e pega o dinheiro (Figura 16B).



Figura 15. Pescadora chegando em Porto dos Milagres para venda do peixe.
Fonte: Dourado, 2017.



Figura 16. Pescadora vendendo peixe no porto dos Milagres– A; Pescadora recebendo o dinheiro da venda do peixe no porto dos Milagres– B.
Fonte: Dourado, 2017.

2.3 Empoderamento das Mulheres Pescadoras

Em diálogos com Maneschy (2012) a questão do empoderamento feminino é compreender que tanto os homens, quanto as mulheres, é uma questão de gênero, como fazendo parte de um conjunto de funções e relações, tarefas que associam a saberes diversificados e interações em diversos espaços específicos. Quer dizer, a única diferença

se delimita apenas no aspecto corporal, pois todos são capazes de realizar qualquer atividade econômica e social.

O empoderamento feminino é uma relevância de conquistas das mulheres. Esse termo promove o reconhecimento do papel da mulher na sociedade como um agente de desenvolvimento cultural, econômico e social. O objetivo do empoderamento feminino é garantir direitos e abolir a idealização cultural de hierarquização masculina, promovendo também a igualdade de gênero, rompendo barreiras que as impossibilitam a ascensão profissional. O empoderamento é diário, pois a cada dia torna-se mais fortes, mais decisivo. Empoderar as mulheres é assegurar que homens e mulheres beneficiem-se dos mesmos direitos e deveres. Assegurar as mulheres liberdade, autonomia e poder de decisão. Evidente nos relatos:

[...] parceiro fica, eu venho, sei dar meu preço, eu me viro aqui [...] (Figura 17): *Estou aqui, eu sou a pescadora, eu faço parte de uma categoria e por isso possuo os mesmos direitos que um pescador do gênero masculino* (pescadora Dona Antônia, 53 anos).

Eu não sou a ajudante de meu companheiro, sou a sócia dele, trabalhamos juntos por um bem de conseguir nossas coisas e ajudar nossos filhos (pescadora Dona Maria, 33 anos).



Figura 17. Pescadora chegando para venda do seu pescado ao lado de outros pescadores evidenciando sua liberdade, autonomia e poder de decisão.

Fonte: Dourado, 2017

Ao compreender seu reconhecimento como fazendo parte de uma categoria, as entrevistadas se reconhecem e garantem recursos cabíveis de direitos políticos que abrangem seu empoderamento, conforme Maneschky (2012).

Os níveis de empoderamento assumidos pelas mulheres da pesca podem ser contabilizados em muitas frentes. Incluem o direito de associação, o acesso a espaços de direção em organizações de pescadores, a busca e as possibilidades de se capacitarem para lidar com a modernização pesqueira e, ao mesmo tempo, contribuir com as lutas locais contra políticas de ocupação de seus territórios e a favor de garantia de acesso aos recursos (MANESCHY, 2012)

O empoderamento feminino impulsionou as mulheres pescadoras em conquistas de seu espaço sobre o cenário socioeconômico, e acarretou-lhes o conhecimento sobre seus direitos, deveres e obrigações (SOUSA, 2018). Evidenciado pelo seguinte relato:

Através de reuniões, a gente sempre se reuni aqui na unidade de base, em promoções como de São Pedro na venda de rifas para ajudar na festividade, não faço parte da coordenação, mas reclamo, falo, dou minha opinião, tento articular. Mas tem várias mulheres que são sócias e fazem parte da coordenação (relato da pescadora Dona Maria (nome fictício), 33 anos)

Partindo de uma perspectiva de gênero constituído como uma construção social, observa-se que na situação de Porto dos Milagres, o homem ainda é visto como “o pescador central”. Quando se retrata a pesca, remete-se imediatamente a figura masculina, a mulher torna-se uma ajudante do pescador. No entanto, a figura da mulher é muito forte. Em comparação com a quantidade de homens pescadores, no caso de Porto dos Milagres, as mulheres ainda se encontram em pequena quantidade, mas tornam-se crucial para a estruturação do meio pesqueiro, quando se juntam:

A importância é que as vezes um problema pode ser resolvido entre várias pessoas, querem tirar os direitos da gente a gente se reuni e parte para cima para conseguir a melhoria e ter forças para lutar (pescadora Dona Maria 33 anos).

2.4 Mulheres na Pesca: Práticas e Saberes

2.4.1 Da casa a atividade pesqueira

O discurso proferido através de uma construção histórica é de que as mulheres estão associadas ao trabalho doméstico. Em sua percepção Machado (2014) diz: “Essa

associação entre a mulher e o trabalho reprodutivo é legitimada com base na “tradição”. Essa percepção é tão intrínseca que acaba se tornando algo natural. Mas as mulheres estão mais visíveis como categoria social reconhecidas como pescadoras, trabalhadoras, quebrando a ideia de que as mulheres são somente ajudantes, demonstrando sua supervalorização.

A mulheres pescadoras saem de suas casas para exercer suas atividades diárias a partir da 04h da manhã, enfrentando os perigos das ruas, mas sempre acompanhada por seus parceiros (que podem ser maridos, filhos, parentes, amigos ou vizinhos). Já houve casos de assaltos, assédios e cobranças de pedágios por bandidos que cobram pela passagem, muitas vezes eles são violentos por efeito de bebidas.

Na figura a seguir a pescadora manuseia a malhadeira. Nesse momento já vendeu quase todo seu pescado e já está guardando suas coisas para encontrar seus filhos. Neste dia, a pescadora levou os peixes que restavam da venda, na faixa de 5 peixes da categoria pacu, que serviram para o jantar da família.



Figura 18. Pescadora manuseando a malhadeira já no final da venda do peixe, no Porto dos Milagres
Fonte: Dourado, 2015

Suas canoas ou barcos, ficam à beira da praia no rio Amazonas, por saírem ainda pela parte da madrugada, levam consigo as mercadorias (despesas) necessárias para a pesca, como: gelo, malhadeira, espinhel, água potável, gasolina ou óleo diesel, dentre outros. Permanecem na pescaria aproximadamente até as 14h e chegam aproximadamente as 15h para realizarem suas vendas no Porto dos Milagres.

Aos que pescam de barco, o benefício é ter um lugar coberto na hora da pescaria, possibilitando o deslocamento a locais mais distantes, e a permanência mais longa no local de pesca e com isso pegar um número maior de peixes. No entanto o barco nunca pode ser deixado só, têm que ter sempre alguém vigiando, para evitar o roubo do barco assim como dos materiais que possuem. O barco é como a casa do pescador, por isso, possuem muitos materiais que são necessários a eles, como: malhadeiras, motor, espinhel, canoa/rabeta, alimentos, fogão, isopor grande, panela, dentre outros.

Já para quem pesca de canoa, acessa locais mais próximos e capturam um número menor de peixes. As demais mulheres que tem motores rabetas vão e voltam todos dias, retornando a partir das 15h com peixe ainda vivo “*peixes fresquinhos*”. Quando aportam em Porto dos Milagres já está a espera uma multidão de compradores, que se aglomeram ao redor da canoa, em busca dos melhores peixes.

Logo após a venda do peixe, providenciam abastecer com produtos (mantimentos) e materiais para a pescaria do dia seguinte, pois como precisam sair ainda de madrugada, é necessário estar abastecidos, já que quando chegarem em casa, tem muita coisa para fazer.

As pescadoras acabam exercendo uma dupla jornada de trabalho, pois, além de realizar essa dura atividade de pesca, ainda são mães, esposas e donas de casas. Quando chegam em casa depois de um dia de trabalho se deparam com a realidade doméstica, cuidar dos filhos, deveres escolares e outros afazeres que só as mesmas têm consciência de realizar. Principalmente quando é a matriarca, sendo única responsável pelo sustento e arranjo familiar.

No meu ponto de vista é que eles tratem a gente bem né, cuidem de buscar nossos direitos, lutar por nós enquanto a gente está trabalhando. Estamos lutando por nossos direitos, pagamos e queremos retornos. Vou fazer 35 anos de viúva, eu que fui pai e mãe dos meus filhos, sempre morei aqui no bairro do Uruará, a gente morava no igarapé açu do Urucurituba, mas como deu terras caídas para lá nós viemos embora. Aí viemos aí no maíca um senhor deu uma casinha para nós e nós conseguimos uma terrinha aqui uma casa nossa mesmo e estamos morando até hoje aí. Agora eles são pescadores também, pois não arranja emprego bom, estuda e estuda e depois não arruma emprego e acaba virando pescador por falta de opção mesmo. Eles cresceram

arrumaram família e tem que trabalhar também (pescadora Fernanda (nome fictício)).

Sousa (2018) também observou que as pescadoras da região do Maicá exercem várias funções no seu dia a dia. Os dados demonstraram que as pesquisadas também assumem uma dupla jornada de trabalho, somando em média 16h de dedicação nas diversas atividades realizadas. A rotina diária começa muito cedo, em média, às 5h30min da manhã, com os afazeres domésticos, a limpeza ao redor da residência, cuidado com a família e as atribuições de sua atividade produtiva. A autora alerta ainda para uma questão de desigualdade na divisão de tarefas entre os membros da família, demonstrando a exploração existente no processo produtivo não remunerado deixando invisível o esforço da mulher no ambiente familiar.

As mulheres pescadoras mesmo em casa não deixam de realizar suas atividades, pois quando os filhos ou companheiros chegam da pescaria, as mesmas estão esperando para ajudar a limpar e vender o pescado, além de tarefas como o concerto de malhadeiras ou fazer o que for necessário para à economia da família.

Em meio a entrevista com a pescadora Dona Raimunda, 56 anos, fomos interrompidas pela chegada de seus filhos. Mesmo que naquele dia ela não tenha exercido sua atividade de pesca, por motivos particulares, tinha que estar lá no porto para ajudar na chegada dos demais, e ajudar a vender. E quando os seus filhos e marido chegaram já estava pronta só esperando por eles e sobre suas mãos estava um cipó natural e muito seguro chamado de cipó de arumã, ele é retirado do meio do mato por um rapaz que vende aos pescadores pelo valor de um real. Esse cipó serve para acomodar os peixes, em forma de “*cambadas*” (composta por quatro a dez peixes de pequeno porte agrupados e amarrados a uma fibra vegetal ou corda que passa pela abertura opercular, chegando em média a totalizar de 2 a 3 kg, conforme descrito por Vaz et al., 2017). Uma forma de comercialização muito comum em outras comunidades pesqueiras (VAZ et al., 2017; SOUSA, 2017).

Cavalcante et al. (2018) em suas análises, verifica a existência clara de divisão sexual do trabalho na atividade pesqueira de cunho sexista, o qual estabelece um caráter de invisibilidade da participação feminina nessa atividade produtiva, considerando que, nessa visão, a mulher nasceu exclusivamente para o trabalho doméstico e para a reprodução. O patriarcalismo ainda reinante reforça a ideia de que o trabalho desempenhado pela mulher é uma extensão da atividade doméstica.

2.4.2 Panema e menstruação

A questão de ser mulher e pescadora requer variadas observações no que tange suas questões de trabalho, família, vida social e demais circunstâncias. Em relação ao ciclo menstrual, a pescadora afirma:

Período do ciclo menstrual quase sempre, as vezes eu estou nos meus dias (menstruação) e não me sinto à vontade a vir. Hoje eu vim porque meu marido não pode vir (a pescadora refere-se a reunião), mas ontem à tarde passei mal antes de sair para vender o peixe aqui passei mal no mercadinho próximo aqui e outras pessoas me socorreram (pescadora Dona Antônia (nome fictício), 53 anos).

Esse período as mulheres tornam-se vulnerais como se estivessem doentes e não pescam, pois de acordo com suas crenças, acreditam que se tornam panemas⁷. Em seu relato, a pescadora descreve seu pensamento sobre o período menstrual:

Quando eu fico naquele período eu não vou pescar não, mulher tem que ficar em casa só pode ir para o rio depois que ela ficar boa, se eu ficar no sol quente Deus defenda me dar dor de cabeça. Ainda mais que tem bicho boto boiando. (pescadora Dona Maria (nome fictício), 33 anos).

As pescadoras acreditam verdadeiramente na questão de encantamentos, judiamentos⁸:

⁷ Panema: é quando um pescador ou caçador são infelizes em suas atividades, ou melhor um azarado, não conseguem pescar nada. Quando isso acontecem retraem-se a procura de ajuda de pessoa que trabalham com benzimento para tirar a panema deles. Eduardo Galvão (1955) descreve panema como algo íntimo da vida cotidiano caboclo O conceito de panema passou ao linguajar popular da Amazônia com o significado de “má sorte”, “desgraça”, “infelicidade”. Incapacidade talvez a melhor interpretação. Não se trata propriamente de uma incapacidade ocasional, má sorte, azar, mas de uma incapacidade de ação, cujas causas podem ser reconhecidas, evitadas e para as quais existem processos apropriados. Não resulta de acaso infeliz, mas de infrações de determinados preceitos. Um caçador, um pescador, cujo repetido insucesso não dá margem em atribuí-los a causas consideradas naturais, isto é, a estação do ano, influência desse ou daquele fator explicável pelo conhecimento adequado do ambiente, acredita que ele próprio ou um dos instrumentos que se utiliza, a linha, o anzol, a carabina, estejam empanemado. Por um processo diagnóstico de tentativas acaba por determinar qual o objeto onde está localizado a panema. Pela facilidade de contrai-la existe um sem número de técnicas preventivas. Algumas são um simples banho de determinadas ervas, outras, defumações com alho ou pimenta, finalmente existem as que se referem diretamente as fontes de panema. Dessas as mais “venenosas” são, o ato de uma mulher grávida alimentar-se de caça ou pescado; mulheres menstruadas que tocam um dos objetos de que se serve o caboclo para a caça ou pesca; desconfiança, mal estar entre amigos provocado pela inveja, sobretudo quando se refere a alimentos; atirar ossos ou espinhos de peixe no quintal onde fiquem ao alcance de animais domésticos; finalmente, provocada por feitiçaria. (GALVÃO, 1955, p. 111 a 112)

⁸ Judiamento: essa palavra é muito utilizada pelos pescadores para referirem-se à interferência do boto na vida deles, coloquei aqui, pois foi muito falada, entendo que essa palavra traz consigo uma carga enorme

[...] botos maltratam as mulheres, não gostam do cheiro que elas exalam e os pescadores dizem que os botos ficam irritados, fazendo com que as mulheres fiquem doentes, eles acreditam em seres que estão ligados diretamente com a questão da pescaria (pescadora Dona Maria (nome fictício), 33 anos).

Ainda esclarecem que existem consequências para as mulheres que não respeitam esse período, ligado ao fato de a mulher ter desafiado a natureza. Acreditam que isso ocasiona uma série de acontecimentos, como perturbações, dores de cabeças, febre altíssimas e o corpo fica debilitado.

2.4.3 Vivenciando o Campo Pesqueiro – Cotidiano da Mulher Pescadora

Ao adentrar sobre uma cultura com padrões complexos ao ver do observador, interligarei com as ideias de Clifford Geertz (1989) como forma de elucidar um ponto de vista do comportamento do indivíduo. Geertz (1989) sobre a Cultura na constituição do ser humano, afirma: “O homem é um animal amarrado a teias de significados” (GEERTZ, 1989, p. 15). Todavia, o comportamento do homem depende do processo de aprendizado ao qual ele foi moldado durante toda sua vida. A cultura condiciona a visão do mundo e a torna uma lente por onde o homem vê o mundo.

Diante desse contexto, tomando a cultura na visão de Geertz (1989) foi presenciado formas de comportamento durante um dia de pesca com uma de pesquisadas.

No dia primeiro do mês de maio de 2018, vivenciei o dia de pesca da Dona Antônio e de seu esposo. Marcamos as 7h da manhã no porto do Milagres. O local onde os mesmos estavam pescando ficava em torno de 10 minutos de viagem.

A pescadora e o seu esposo, moram no barco no período da safra (abundância de peixe), “*nossa casa é lá quando estamos na pescaria*”, com intuito de tornar mais eficaz a pescaria, pois, além de economizar dinheiro com os gastos para levar suas coisas para casa, com a carroça. Os mesmos também podem aproveitar melhor a pescaria.

A imagem a seguir retrata a pescadora em seu barco motor, observa-se que aparenta ser mesmo uma casa (Figura 19).

de momentos horríveis. No entanto, muitos não sabem essa questão, por falta de informação, e acabam reproduzindo essa palavra.



Figura 19. Pescadora em barco utilizado para pesca
Fonte: Dourado, 2018.

E como eles moram no barco, só quem vem realizar a venda é a Dona Antônia. A mesma cuida da venda, do recebimento do dinheiro, da negociação com os atravessadores (atravessadores são pessoas que compram peixes e vendem para outros lugares) e das questões burocráticas. Seu esposo, cuida do barco e da vistoria das malhadeiras. Quando a pescadora retorna, leva consigo óleo, gelo, mantimentos e que for necessário para mantê-los bem enquanto pescam.

Segundo relatos das mulheres, não há repartição de atividades. Quando chegam ao destino da pesca, vão logo se organizando. Colocam a malhadeira, o espinhel no rio, depois procuram abrigo (debaixo de árvores em terra ou no rio).

Os pescadores acordaram as 4h da manhã para revistar (Figura 20) a malhadeira. Eles fazem de hora em hora, ou de duas em duas horas. A vistoria é feita para evitar que alguns animais como os botos, jacarés e as piranhas ataquem e comam os peixes presos nas redes, assim como não destruam o equipamento de pesca. E com isso gere grandes prejuízos:

Realizar uma vistoria minuciosa de uma extremidade a outra, a mesma está posicionada dentro do rio, e o pescador vai levantando para fora da água com o intuito de capturar o peixe. Isso é realizado de uma em uma hora, para que o boto, nem piranha, nem jacaré retire o peixe e destrua a malhadeira. (pescadora Dona Antônia, 53 anos).

Uma vez o tempo escureceu eu estava começando a tirar a malhadeira e ela veio e não conseguir tirar todas as malhadeiras e o temporal deu que nós não conseguíamos ver onde tava a bajara, nós mesmo assim, voltamos para pegar a outra, porque se o jacaré ver peixe ele acaba. Aqui na beira do Amazonas é o boto e no lago é piranha ou jacaré, se deixar eles acabam mesmo. Eles destroem material nosso ô, piranha mais ainda. Ainda bem que a gente mesmo conserta malhadeira (pescadora Dona Antônia, 53 anos).

Em sua narrativa a pesquisada detalha um pouco sua rotina:

Malhadeira muito grande de algodão, o tempo da safra é melhor ainda. Todo dia a gente vai pra batalha com esperança da gente pegar peixe né. Cedinho de madrugada eu acordo já faço um café, ele já vai revistar a malhadeira grossa e faço o que tem pra fazer como o almoço, porque quando a gente volta já cansados. Quando ele volta a gente já pega uma garrafinha de café, e vamos embora de rabeta pro rio, pra bubuiar pegar o peixe de escama. 12:00 a gente volta almoça descansa um pouquinho e volta pra lida e só volta de noitinha pro barco e quando a gente chega faço a janta pra gente deitar e descansar e todo dia é isso (pescadora Dona Antônia, 53 anos).



Figura 20. Pescadora fazendo a vistoria nas malhadeiras.
Fonte: Dourado, 2017.

Quando estão pescando próximo ao Porto dos Milagres, para que o boto não entre e acabe com suas malhadeiras, estendem na entrada do aningal, uma rede feita de algodão, de forma mais resistente para impedi-los. A figura a seguir mostra como a rede é

posicionada para afastar os botos, não permitindo que eles ultrapassem dali. Tem casos, que não é 100% eficaz, pois de vez em quando, um consegue entrar e precisa ser expulso.



Figura 21. Rede posicionada para impedir a entrada de botos no aningal.
Fonte: Dourado, 2017

O lugar onde os mesmos estavam pescando é mata alagada, então para que eles possam realizar a pescaria, abrem caminhos no meio do mato ao qual chamam de aningal. Na época da cheia, os peixes tendem a ir para esses locais com o intuito da reprodução, pois são lugares tranquilos, onde podem depositar seus ovos. No entanto, é uma tranquilidade entre aspas, pois, os pescadores sempre encontram uma forma de capturá-los.

Durante a entrevista o que pôde ser observado, é que não é somente o boto, o jacaré e a piranha que acabam com a paz na pescaria. Na narrativa a seguir, uma questão que lhes tira o sossego é o uso dos matapís (matapís são armadilhas que servem para capturar camarões e aviuns) (Figura 22). Os matapis são colocados logo na entrada do

aningal, com isso, obstrui a entrada dos peixes que os pescadores capturariam mais adentro.

A gente pesca na boca do ituqui agora na safra. Esse ano foi impossível pescar aqui próximo, pois a 2 anos que estamos sendo prejudicados pelos matapís, eles colocam próximo a estrada que nós fizemos. A mais de 2 anos que a gente pesca aqui perto, a gente limpa a estrada pra pesca o jaraqui que começa no mês de março e vai o inverno quase todo aí. E os caras que pescam de matapís começaram a nos prejudicar, porque eles colocam muito próximo a nossas estradas, o peixe da na tela deles e não tem condições de entrar, acabam indo embora e também fora os peixinhos que eles matam muito e alguma aves que ficam presas no matapi. E esse ano tivemos que ir embora. E ainda a enchente foi pouco e essa coisa do matapí, ficou sem condição de pescar, e temos que procurar onde podemos pegar, porque temos nossos compromissos e temos que pagar (pescadora Dona Antônia, 53 anos).



Figura 22. Matapís utilizados na pesca do camarão e avium.
Fonte: Dourado, 2017.

A canoa (*chamado bote*) utilizada era tão pequena mal nos cabia, o medo era nosso companheiro. A Pescadora só pediu que eu não me mexesse. Ficava aproximadamente uns 5 cm para entrar água na canoa. Ela estava tão tranquila, ia conversando e remando, me explicando como fazia todos os dias. Aquele momento vivenciado era bem distante da minha realidade ou como Geertz (1989, p.21) descreve como sendo uma elaboração de “regras sistemáticas”, que reflete análises particulares de diferentes visões.

Seria o ponto de vista de como eu em minha observação, estava presenciando o cotidiano dela, e por outro lado, como ela vivenciava na prática seu cotidiano, sem estranheza. Quando adentramos no aningal para ela realizar a vistoria, a pescadora ia conversando, explicando cada passo que realizava, mostrando como o peixe ficava na

rede de malhadeira se não realizasse logo a vistoria. Mesmo assim, já havia um peixe só o osso, pois já tinha sido devorado pela piranha.

E sobre a proa da canoa eu ficava calma, escutando e anotando o que ela falava. Os pensamentos de angustia quando a mesma narrava que pelo fato de ficar molhada por muito tempo, agachada, muitas dores lhe afligem, ainda tem problemas de coluna e de pele devido a exposição frequente ao sol. Aquele dia foi de muita reflexão, pois quando se adentra no cotidiano do outro, é como se tudo fosse mais pesado, mais complexo. Porém, pesquisada passou o tempo com um sorriso constante e contando as situações como que natural. As circunstâncias de perigo, de dores se transformam em situações que passam, se tornam tão naturais para ela, que chegou a intrigar.

As fotografias a seguir demonstram a travessia de um lado para o outro, no caminho onde são colocadas as malhadeiras. A força que a entrevistada tem que fazer na travessia no meio do aningal é um grande desafio, tudo isso para vistoriar as outras malhadeiras e eu na proa da canoa só observando e escutando o que ela relatava.



Figura 23. Visão do observador sobre o cotidiano da entrevistada
Fonte: Dourado, 2017.

Quando voltamos da vistoria encontramos com uma família pai, mãe, dois filhos e sogro. Estavam debaixo de uma árvore (Figura 24), pois ao contrário da pescadora entrevistada, não possuíam um barco, estavam divididos em duas canoas. A pesca naquele dia estava calma, não havia muito peixe, mas diziam eles que iriam aguardar até à tarde. Voltamos para o barco, chegando lá fomos recepcionados com um café feito por seu esposo.



Figura 24. A família de pescadores em atividade de pesca
Fonte: Dourado, 2017.

A segunda vistoria fiquei observando do barco, seus gestos, sua força em manusear com tamanha destreza a vistoria da malhadeira, de onde estava ela articulava, falava, mostrava o esqueleto de algum peixe comido pela piranha e fazia isso rindo, algo que é natural para ela. Fiquei somente observando ela sozinha sumir no meio do mato, sobre aquela canoinha, seu esposo ficou consertando malhadeiras. Quando retornou foi mostrar as malhadeiras (Figura 25) que ela utiliza para a pesca, havia malhadeiras de todos os tamanhos, para capturar várias espécies de peixes e a conversa foi longa. Depois da experiência vivenciada na atividade de pesca, a mesma foi me deixar em Porto dos Milagres a tarde.



Figura 25. A pescadora entrevista mostrando as suas malhadeiras
Fonte: Dourado, 2017.

Todavia, a questão de as mulheres pescadoras conquistar seu espaço, conquistar visibilidade é uma questão de empoderamento. A questão social é observada no cotidiano dessas mulheres, demonstram força, coragem, atitude e magnitude, nada é fácil. No entanto, apesar das decorrências diárias, estão a cada dia conquistando seu espaço, reivindicando seus direitos como categoria social, em interesses da profissão e para a comunidade pesqueira. O termo mulheres pescadoras, passa a ser categoria de identificação política e cultural.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco principal do trabalho foi demonstrar como as Mulheres Pescadoras de Porto dos Milagres constituem-se como um sujeito político, econômico e social evidenciando seu cotidiano, imagem de força e seu “empoderamento” (MANESCHY, 2012). Essa reflexão só foi possível através do processo de seus relatos e observações, onde percebi que não necessariamente as mulheres teriam que fazer parte de uma coordenação ou atuar como presidente da associação, para ter o seu reconhecimento.

A partir dos relatos das entrevistadas permite-se observar que quando há um discurso proferido *“Eu não sou a ajudante de meu companheiro, sou a sócia dele, trabalhamos juntos por um bem de conseguir nossas coisas e ajudar nossos filhos”*. Expressa de forma ampla, a categoria social a qual se insere, demonstrando seu empoderamento e expressando e assumindo uma condição de autoridade, ainda que relativa nas relações de gênero e espaços de sociabilidade tradicional, mas torna o espaço como delas também.

A questão de gênero que permeia em Porto dos Milagres, configura-se como uma construção social, sobre aspecto com significado nas relações de poder. No entanto, diante desses aspectos as mulheres pescadoras emergem como uma figura de discurso e dentro desse discurso, se constituem sobre a categoria pescadora. Ressalta a diferenciação de papéis na manutenção e colaboração econômico do grupo familiar.

A proposta num contexto das mulheres como uma categoria social, são refletidos em comunidades pesqueiras como mudanças importantes. Expressa essa demanda, pelo fato de que em Porto dos Milagres ainda é um lugar tradicionalmente masculino. Quando pensado em pescador, remete-se ao sujeito homem, a mulher fica como que nas entrelinhas, lembrada como ajudante. Todavia, através de reflexões teóricas, as mulheres pescadoras estão se constituindo a uma categoria “a categoria pescadora”, tornando-se como agentes de transformações, conquistando seu espaço e se consolidando sobre um segmento social.

Portando, em reflexões sobre observações e perspectivas teóricas, o trabalho apresenta elementos que compreendem na situação de Santarém e mais específico em Porto dos Milagres, como as mulheres pescadoras atuam politicamente, economicamente e socialmente e como realizam seus discursos, suas práticas, seus saberes e como constroem suas reflexões, diante das representações do aspecto da vida.

4 REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. F.; SOUSA, I. S.; GONÇALVES, A. C. T. Questões de gênero em projetos de manejo de recursos pesqueiros nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã, Amazonas. In: ANDRADE LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima (Org.). **Pesca, turismo e meio ambiente**. Recife: EDUFRPE, 2014. p. 123-143.

CARTILHA COLÔNIA DE PESCADORES. Colônias de pescadores. Santarém Baixo Amazonas, Pará, abril. 2004. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/zezinhocoimbra/cartilha-colnia-de-pescadores>. Acesso em: 01 Març. 2018.

CAVALCANTE, A. L.; PIRES, M. M.; JÚNIOR, G. J.; JOSÉ, A. R. S. Relação de gênero na arte da pesca. **Gaia Scientia**, v. 12, n. 1, p. 210-228, 2018.

CUNHA, M. C. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. In **Revista USP**, São Paulo, n. 75, p. 76-84, setembro/novembro 2007.

DIEGUES, A. C. S. **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar**, São Paulo, 1983, Ática.

DUARTE, E. C. F. **Políticas Federais de inclusão digital social na Amazônia: uma análise da implementação do prouca em Santarém-Pará, Brasil**. 210 fls, 2016. Tese (Doutorado- Universidade Estadual de Campinas).

ESTATUTO SOCIAL DA COLÔNIA DE PESCADORES Z-20 – SANTARÉM, Alterado por meio da Assembleia Geral Extraordinária, exclusivamente para este fim, na data de 29/06/ 2012, p.11.

FINO, C. N. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: ESCALLIER, Christine; VERÍSSIMO, Nelson (Orgs.). **Educação e Cultura**. Funchal: DCE - Universidade da Madeira, p. 1-10, 2008.

GALVÃO, E. G. In: **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas**. Companhia Editora Nacional, 1955. p, 111 e 112. Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres / Maria Betânia Ávila; Verônica Ferreira; Organizadoras: realização SOS CORPO Instituto Feminista para a Democracia; Instituto Patrícia Galvão – Recife: SOS Corpo, 2014.

GAMA, A. S. P. **Educação Ambiental e a Construção da Sustentabilidade na Região de Várzea de Santarém (Pa)- Brasil**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp – Programa Dinter, parceria com o Instituto de Ciências da Educação da UFOPA, como requisito para a obtenção do Título de Doutora em Educação. Campinas – SP. 2016. p. 193.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan. 1989.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

IBGE. **Banco de Dados Agregados**. 2013. Disponível em: <http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/historico.php?codmun=150680&search=para%7Csan%7Cinfograficos:-historico&lang=>. 2013 . Acesso em: 01 Març. 2018.

IMBIRIBA, L. C.; COELHO, Y. K. S.; LEMOS, N. C. S.; ZACARDI, D. M. **Variação Temporal da Captura Acidental de Peixes da Pesca do Camarão-da-Amazônia *Macrobrachium amazonicum*** (Heller, 1862), Santarém, Pará. In: XXIII Encontro Brasileiro de Ictiologia. 2018.

IMPACTO. Porto improvisado prejudica pescadores. **Jornal O Impacto**, Santarém, 31 dez. 2012. Disponível em: <https://oimpacto.com.br/2012/01/31/porto-improvisado-prejudica-pescadores/> . Acesso em: 01 març. 2019.

INGOLD, T. Building, dwelling, living: how animals and people make themselves at home in the world. In: Strathern, Marilyn (Ed.). *Shifting contexts: transformations in anthropological knowledge*. London: Routledge, 1995. p. 57-80.

JESUS J. G. **Mulheres em rede: uma experiência de empoderamento feminino e sustentabilidade ambiental no Sul da Bahia**. 2014. 196 f. Tese (Doutorado em desenvolvimento e meio ambiente) - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia. 2014.

HOROCHOVSKI, R. R.; MEIRELLES, G. **Problematizando o conceito de empoderamento**. In: Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia, II. 2007. Florianópolis. Anais eletrônicos.

LARSON, A. M. Decentralization e Forest Management in Latin America: Towards a Working Model'. **Public Administration e Development**, v. 23, n. 3: 211-26. 2011.

LEROY, J. P. O bote contra a geleira. Os pescadores de Santarém em busca da sua afirmação. **Revista Proposta**. Entre o passado e o futuro. Pescadores artesanais. Rio de Janeiro, v. 38, p. 37-50, set. 1988.

MANESCHY, M. C.; ALMEIDA, M. P. Tornar-se pescadora: associações de mulheres e constituição de sujeitos políticos. In: **No mar, nos rios e na fronteira do campesinato no Pará** Jean Hébette, Sônia Barbosa Magalhães, Maria Cristina Maneschky (organizadores); prefácio de Maria Conceição D'Incao. Belém. EDUFPA, p. 49-82. 2002.

MANESCHY, M. C.; ÁLVARES, M. L. M. Mulheres na pesca: trabalho e lutas por reconhecimento em diferentes contextos. **Coletiva**, Recife, n. 1. 2010. Disponível em: http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=12&Itemid=76&idrev= . Acesso em: 13 out. 2011.

MANESCHY, M. C. In: Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. **Revistas Estudos Feministas**, p. 719. 2012.

MARTINS, M. C. **Partilhando saberes na Ilha Itaoca: a roda de siri – entre o mundo do trabalho e as memórias de infância.** 2005. 263 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

MARTINS, M. L. S. **Rios, estuários e mangues: a mulher na pesca artesanal.** 140 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

MARTINS, M. L. S.; ALVIM, R. G. II Perspectivas do trabalho feminino na pesca artesanal: particularidades da comunidade Ilha do Beto, Sergipe, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 11, n. 2, p. 379-390, maio-ago. 2016.

MATOS, R. **Vidas raras de mulheres comuns: Percursos de vida, significações do crime e construção da identidade em jovens reclusas.** Coimbra: Almedina Editora. 2008.

McGRATH, D. G.; CASTRO, F.; FUTEMMA, C. Reservas de lago e o manejo comunitário da pesca no baixo Amazonas: Uma avaliação preliminar. In: D'INCAO, M. A.; SILVEIRA, I. M. (Ed.). **Amazônia e a crise da modernização.** Belém: Publ. Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 389-402, 1994.

MENEZES, T. M. S.; PERDIGÃO, A. K. A. V.; PRATSCHKE, A. O Tipo Palafita Amazônica: Contribuições ao Processo de Projeto De Arquitetura. **Revista Oculum Ensaios.** Campinas. v. 12, n. 2. 2015.

MONTEIRO, V. P.; **CARIMBÓ DO SANTO PRETO: A presença negra na performance musical da Festividade do Glorioso São Benedito em Santarém Novo (PA).** 236 f. : il. color. Tese (Doutorado em Artes) –Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes. 2016

MOTTA-MAUÉS, M. A. Pesca de homem/peixe de mulher: repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil. **Etnográfica**, Lisboa, v. 3, n. 2, p. 377-399, nov. 1999.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. Etnografia: saberes e práticas. **Illuminuras**, v. 9, n.21. 2018. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/illuminuras/article/view/9301/5371>. 2008 . Acesso em: Març. 2019.

SANTARÉM. Prefeitura Municipal de Santarém. **Histórico Econômico.** Disponível em: http://www.santarem.pa.gov.br/pagina.asp?id_pagina=39 Acesso em : Març. 2019

SAPOPEMA. **Sociedade para a Pesquisa e Proteção do Meio Ambiente. Especial parceiros: Colônia de pescadores Z-20 completa 98 anos.** Disponível em: <http://www.sapopema.org/noticias/2018/3/13/especial-parceiros-colnia-de-pescadores-z-20-completa-98-anos> Acesso em: Març. 2018.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SERRÃO, E. de M. **A pesca e o conhecimento tradicional dos pescadores de um lago de inundação no Baixo Amazonas: sugestões para manejo e conservação.** 107 fls. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Oeste do Pará, Programa de Pós-Graduação em Recursos Aquáticos Continentais Amazônicos. 2018.

SILVA, R. E.; BONFIM, F. S.; GARCIA, M. N. Coletoras de sementes do Tapajós: mulheres, saberes práticos, relações de gênero e a floresta. **Revista a Vivência.** 43. Ano 2015.

SILVA, P. C. **Os gargalos do programa de aceleração do crescimento – PAC nos bairros Mapirí e Uruará** em Santarém – PA. / Poliana Canté Silva – Santarém. 2018. 97 p. il.

SOUSA, W. L. **Caracterização econômica e social dos pescadores artesanais no bairro Pérola do Maicá, no Município de Santarém-pará.** 68 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Curso de Ciências Econômicas, 2017.

SOUSA, W. L. **Mulheres que pescam e cultivam no Maicá, Santarém: Condições Socioeconômicas e Percepções de Qualidade de Vida.** 135 fls. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida. 2018.

SCHRODER, P. **Os desafios para uma antropologia do desenvolvimento no cenário atual.** IN: REUNIÃO DA ABA. Natal: ABA, 2014. p. 1-20. Disponível em: <http://sustentaculos.pro.br/assets/04---2014---schroder---antropologia-d.pdf> Acesso em : Març. 2018.

VAZ, E. M. **Caracterização da Atividade Pesqueira Praticada no Lago Maicá, Município de Santarém, Pará.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Bacharelado de Engenharia de Pesca, da Universidade Federal do Oeste do Pará, Campus Santarém, para obtenção do grau de Bacharel em Engenharia de Pesca. 51 fls. 2016.

VAZ, E. M.; RABELO, Y. G. S.; CORRÊA, J. M. S.; ZACARDI, D. M. **A pesca artesanal no lago Maicá: aspectos socioeconômicos e estrutura operacional.** Biota Amazôni . Macapá, v. 7, n. 4, p. 6-12, 2017.

WILLIS, P.; TRONDM, M. **Manifesto pela etnografia.** Educação, Sociedade e Culturas, n. 27, p. 211-220, 2008.